



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS**

**MULHER MARAVILHA:
UMA JORNADA POR SUAS RE(A)PRESENTAÇÕES**

EDUARDA HAUCH

FLORIANÓPOLIS

2017

EDUARDA HAUCH

**MULHER MARAVILHA:
UMA JORNADA POR SUAS RE(A)PRESENTAÇÕES**

Monografia apresentada ao curso de Letras Português, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Regina Oliveira Ramos

FLORIANÓPOLIS

2017

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em
Letras Português. Qualquer citação atenderá às normas da ética científica.

EDUARDA HAUCH

Monografia apresentada em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^a. Dr^a. Tânia Regina de Oliveira Ramos

1^a Examinador Prof.

2^a Examinador Prof.



Dedico este trabalho a todas as mulheres que lutam com dignidade por uma sociedade mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

Sempre tive um carinho enorme pela amizade do sexo masculino. Prova disso são os homens que tenho a honra de ter em minha vida: Willy, por estar todos esses anos me apoiando, me fazendo rir e contemplando a mim com a sua amizade que vale ouro (além de sempre fazer *memes* meus); Allan, por sempre estar presente durante todo o caminho tortuoso da graduação e me garantir que tudo vai ficar bem; Gustavo, por ser um dos formadores do meu caráter e sempre estar aberto a uma boa conversa; Phillip, pelas conversas sobre futebol, por não desistir de mim e continuar ouvindo muita besteira saindo da minha boca todos os dias; Vô Pedro, por ter me acolhido e me criado com tanto amor e proteção durante todos esses anos.

Ao amor da minha vida, Edson, por me permitir fazer parte da sua vida e me possibilitar enxergar o mundo através de outros olhos, cheios de generosidade, sensibilidade e paixão como só você tem; você me mostra todos os dias que o amor é a melhor coisa que podemos receber em nossas vidas.

A Mulher Maravilha é, há algum tempo, meu maior ícone. Suas ações e atitudes diante de diversas situações em sua trajetória me ajudaram na construção de ideais, comportamento e me fizeram questionar por horas e horas o que é ser mulher. Obrigada, Princesa Diana, por me fazer ter orgulho da mulher que fui, que sou e que estou me tornando ao longo da vida.

À professora Tânia Regina de Oliveira Ramos, por compartilhar comigo seus conhecimentos durante toda a caminhada desse projeto e ser um modelo de luta e mulher a ser seguido.

À UFSC e aos professores do curso de Letras, pela oportunidade de eu fazer o curso, o qual me propiciou conhecimento, cultura, crescimento pessoal e perspectiva profissional.

À Cláudia, minha mãe querida, por ter me dado a oportunidade de ter a vida que tenho, os meios para eu realizar todos meus sonhos e por lutar todos os dias pela minha felicidade.

À Mari, por ser a pessoa que eu mais amo na vida, e a melhor irmã do mundo.

Vó Nina, pela ternura de ser quem você é e pelo cuidado de todos esses anos.

À Marisa, por ter me auxiliado em todos os momentos deste trabalho, independente da hora. Com certeza, este estudo não existiria sem você.

À Inês, por ter o coração do tamanho do mundo com todos aqueles a sua volta.

À Allana, por ser a amiga mais amorosa, confiante, compreensiva, doida e que fez com que essa caminhada pelo final do curso fosse mais divertida.

À Ana, Sheila, Samira e Vera, por me inspirarem todos os dias com a história de vida, força e sabedoria de vocês, expressando das melhores maneiras o que é ser mulher.

A todas as maravilhosas mulheres que conheci ao longo da vida: encontro a Mulher Maravilha de carne e osso todos os dias, em todas vocês. Este trabalho foi inspirado em vocês, feito para vocês e por vocês.

“É sobre o que você acredita.

Eu acredito no amor e apenas o amor pode salvar o mundo.”

Mulher Maravilha.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – tem como Objetivo mostrar a inserção da personagem Mulher Maravilha no feminismo, de modo que contribui com a causa, ao levar sua influência para diversos outros grupos sociais, em meio à conscientização da importância do movimento para a sociedade. Este estudo foi desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa, em relação à forma de abordagem, e bibliográfica, quanto aos procedimentos técnicos, com levantamento de dados de livros, artigos, revistas, trabalhos acadêmicos. A busca foi analisar a figura da Mulher Maravilha como ícone de luta pelos direitos das mulheres, tendo como base conceitos da teoria feminista e sobre o sistema narrativo que os quadrinhos apresentam dentro da literatura. A investigação parte da teoria feminista e suas implicações na época de 1940, as possibilidades narrativas que os quadrinhos apresentam a seus leitores e leitoras dentro da literatura até chegar a suas re(a)apresentações, construção e contribuições sociais possíveis. A análise dos quadrinhos da Mulher Maravilha tem um foco especial no enredo, corpo e ideais mostrados pela personagem desde sua criação, levando em conta suas diversas transformações ao longo das décadas. A pesquisa possibilitou constatar a representatividade que a Mulher Maravilha teve nos quadrinhos desde o seu surgimento – ainda mais que se tratava de um espaço exclusivamente masculino –, o empoderamento das histórias e do discurso dela e a influência social que ela representa a seus leitores e leitoras.

Palavras-chave: Feminismo. Mulher Maravilha. Histórias em quadrinhos.

ABSTRACT

This monograph aims to show the insertion of character of Wonder Woman on feminism, contributing to this cause, taking its influence to various other social groups, in regards to the awareness of the movement's importance to society. This study was developed through a qualitative research, in relation to approach, and bibliographic, when it comes to technical procedures, with data collection from books, articles, magazines, academic papers. The search was to analyze the figure of Wonder Woman as an icon for the rights of women, having as basis the concepts of feminist theory and about the narrative system that the comic books present inside literature. The investigation goes from feminist theory and its implications during the 40s, the narrative possibilities the comic books presented to their readers inside literature, until her reintroductions, building and possible social contributions of the character. The analysis of the Wonder Woman comic books focuses specially on plot, body and ideas show by the character since its creation, taking into account its many transformations throughout the decades, as well as the time's period and the team behind its comics. The research made it possible to verify the representation Wonder Woman brought comic books since its emergence – specially since it was a nearly exclusive male platform –, the empowering in the stories and in her speech and the social influence she had over her readers.

Key-words: Feminism. Wonder Woman. Comic Books.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	We Can Do It.....	22
Figura 2	Rabicho indicador de fala	31
Figura 3	Formas variadas de letras para expressar sentimentos.....	32
Figura 4	Representação do narrador-personagem	32
Figura 5	Recurso visual: Onomatopeias	33
Figura 6	Movimento das vinhetas	33
Figura 7	Variações das vinhetas que podem retratar tensão entre personagens	34
Figura 8	Vários quadros com o mesmo personagem retratado.....	34
Figura 9	<i>Action Comics</i> : Superman	36
Figura 10	Frases e significados nas HQs	39
Figura 11	Comparação entre Mulher-Aranha e Homem-Aranha.....	45
Figura 12	Gal Gadot como Mulher Maravilha	46
Figura 13	Substituição da personagem feminina pelo Gavião Arqueiro	47
Figura 14	Substituição da personagem feminina pelo masculino	48
Figura 15	Como a personagem é representada e como deveria ser	49
Figura 16	Mulher Maravilha em seu surgimento, 1942	56
Figura 17	Mulher Maravilha: #144: 1964	58
Figura 18	A Mulher Maravilha sem seus poderes.....	59
Figura 19	Mulher Maravilha abdica de seus poderes.....	59
Figura 20	Artémis como Mulher Maravilha.....	61
Figura 21	As mudanças no uniforme da Mulher Maravilha	62
Figura 22	Desenho do corpo da personagem, 1942	63
Figura 23	Mulher Maravilha, 1987.....	64
Figura 24	O novo uniforme.....	64
Figura 25	Os traços e corpo da personagem atualmente.....	66
Figura 26	A sexualização da personagem.....	67
Figura 27	Mulher Maravilha em posições sexualizadas.....	68
Figura 28	“Mulheres Maravilhas da história”, 1942.....	70
Figura 29	O pesadelo da Mulher Maravilha.....	72
Figura 30	A melancólica participação na Sociedade da Justiça.....	73
Figura 31	Mulher Maravilha como presidenta.....	74
Figura 32	Chamada da ONU para a nomeação da Mulher Maravilha (2016).....	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O SEXO (NADA) FRÁGIL	18
2.1	Feminismos	23
2.2	Contribuição social e conquistas: a batalha está longe de acabar	25
3	NARRATIVA E SUAS POSSIBILIDADES	27
3.1	A representação do feminino: nós precisamos ser salvas?	42
4	A DEUSA	51
4.1	Mulher Maravilha como personagem: uma caminhada ao longo das décadas	53
4.1.1	Enredo e Ideais	54
4.1.2	Corpo, Vestimentas e Sexualização	61
4.1.3	Influências feministas	69
4.2	Importância da personagem no contexto histórico-cultural	79
4.2.1	A nomeação da ONU	80
5	CONCLUSÃO	84
	REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

No passado, havia uma concepção estratificada de que o papel social da mulher era o de rainha do lar e ser que viveria para procriar. Em contrapartida a isso, a partir do século XX, um grupo de mulheres desenvolvia um pensamento diferente da maioria: o de que a mulher deveria ser vista pelos olhos da sociedade como um sujeito histórico capaz de ir além; que seu papel poderia – e deveria – se estender para além dos domínios do espaço doméstico.

O movimento feminista não é conhecido por uma data de início, mas sim por nomes e rostos de várias lendárias mulheres que – por intermédio de uma luta real e simbólica – permitiram que cada mulher tenha o que é seu de direito. Grandes feitos como o Direito ao Voto em 1932¹, o lançamento de Simone de Beauvoir com seu livro “O Segundo Sexo” de 1949, uma das obras fundantes do pensamento feminista, e a grande inserção das mulheres no ambiente de trabalho, assim como em grandes empresas nos mostram que a caminhada ao longo da luta pelos direitos iguais entre os dois sexos está ativa e longe de chegar ao final.

Outro impacto cultural do século XX que também dizia respeito às mulheres e que acarretou nova maneira de vê-las em todo mundo foi a criação de uma super-heroína pela *DC Comics*²: a Mulher Maravilha. Idealizada por William Marston, um psicólogo, a *Wonder Woman*³, nasceu em meio à Segunda Guerra Mundial, exatamente no ano de 1941. Inovadora e poderosa, a personagem veio ao mundo munida do traje, braceletes e laço da verdade, inspiradora não só para a população de heróis e cidadãos dos quadrinhos, mas também para o mundo real. O próprio Marston, seu criador, justificou, anos mais tarde, que sua ideia de criar a primeira super-heroína das HQs foi em razão da falta de mulheres no universo das histórias em quadrinhos, e depositou na personagem todas as características vistas por ele nas mulheres: generosidade, bondade e poder. Marston acreditava que a bondade e o amor eram características inerentes às mulheres e sua pretensão ao conceber uma super-heroína com esse perfil era o de atribuir uma carga forte e positiva a essas qualidades, que culturalmente são atribuídas de forma negativa às mulheres; segundo ele: "a Mulher-Maravilha é a propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deve governar o mundo"⁴.

¹ Só as mulheres casadas poderiam votar, mediante a permissão do marido.

² Editora norte-americana e uma das maiores companhias de Histórias em Quadrinhos do mundo. São criações da *DC Comics*: Superman, Batman, Lanterna Verde, Liga da Justiça, entre outros.

³ Nomeação original que a personagem recebe, no inglês.

⁴ O relato é feito por Grady Hendrix, no artigo "Out for Justice", publicado pelo *The New York Sun* em 11 de dezembro de 2007.

Marston sempre declarou que criou a Mulher Maravilha a fim de que houvesse um equilíbrio no mundo dos quadrinhos entre homens e mulheres, e também para que ela trouxesse representação e força para o público feminino como forma de libertação. Entretanto, em alguns pontos – por exemplo, na objetificação de seu corpo dentro das histórias desenhadas –, a Mulher Maravilha acabou por perder credibilidade nessa luta, visto que se tornou objeto dentro do gênero de quadrinhos e vítima parcial desse combate. Abrão (2014), colunista da revista *Judão*, ao escrever o artigo “Precisamos falar sobre peitos e quadrinhos”⁵, afirma que “[...] cheia de boas intenções para combater o machismo, a princesa Diana acabou vítima dele.” Há concordância com tal afirmação quando falamos sobre a sensualização do corpo da personagem nos quadrinhos, ou melhor dizendo, a forma absurdamente sensual como a personagem é desenhada em certas histórias, porém o vitimismo para por aí. Não podemos afirmar que a princesa Diana⁶ tenha o mesmo peso no mundo dos quadrinhos como as outras personagens femininas anteriores a ela, as quais não tinham valor significativo a uma história, estando unicamente nela pelo anseio de ser salva – as famosas “donzelas em perigo”. À primeira vista, ao abrir um quadrinho da *Wonder Woman*, o leitor se depara com a mulher sensual e cheia de curvas, no entanto tal impressão rapidamente é deixada de lado quando a heroína toma as rédeas de suas histórias. A Mulher Maravilha passa a ser combatente, tornando seu corpo e vestes apenas coadjuvantes de suas histórias.

Além de questões que causam intensos debates a respeito de feminismo e objetificação nas histórias da Mulher Maravilha, não se pode perder de vista que a outra discussão se forma acerca das histórias em quadrinhos como literatura. A indústria de quadrinhos começou sua caminhada há muitos anos, sendo as histórias direcionadas inicialmente às crianças. Todavia, décadas atrás, as HQs acabaram conquistando também o público juvenil e adulto, consideradas como cultura de massa. Podemos afirmar que as HQs de super-heróis e heroínas protagonizadas por personagens reconhecidos mundialmente hoje – tais como Batman, Superman, Homem-Aranha – apresentam uma carga bastante densa de críticas sociais, e esses personagens são figuras influentes para jovens e adultos; passaram a atuar como ícones de uma geração. Nos dias atuais, as HQs voltaram ao centro das literaturas mais vendidas, com a volta das histórias desenhadas.

Um grande debate da crítica literária é sobre como poderíamos classificar as HQs: se como literatura, uma vez que temos a narrativa presente; ou como uma manifestação da cultura de massas, já que apresenta um novo modo de entretenimento; e até como uma simples leitura

⁵ Disponível em: <<http://judao.com.br/precisamos-falar-sobre-peitos/>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

⁶ Princesa Diana de Themyscira, outro título também empregado à Mulher Maravilha.

de desenhos feitas para crianças. Para Gouveia (2011), embora a teoria da literatura seja eficiente e adequada, não dá conta do leque de possibilidades provindas da arte.

Mais uma vez, observamos que a teoria é apenas um meio – não um fim. Por mais que a teoria seja competente, inteligente, bem elaborada, não consegue dar conta de todas as possibilidades da arte. Assim, temos que encarar os princípios teóricos apenas como mediações, mas não fazer deles instrumentos para uma aplicação mecânica aos textos. Essa observação é importante para que enfrentemos os desafios impostos pelas obras em particular (GOUVEIA, 2011, p. 74).

Assim, como problema que rege esta pesquisa e que deveria ser solucionado, está o modo como a personagem Mulher Maravilha é vista ao longo dos anos – desde a década de 1940, quando foi criada, até a atualidade –, suas atitudes e voz ao longo das décadas, aliadas à caminhada do feminismo, a forma como a personagem contribui para essa luta pelo caminho da ficção e o peso de suas histórias, tanto para a literatura quanto para a sociedade.

Por meio de análise das HQs, o Objetivo Geral desta pesquisa foi: Mostrar se a personagem Mulher Maravilha influencia positivamente o feminismo, de modo que contribui com a causa, levando sua influência para diversos outros grupos sociais, em meio à conscientização da importância do movimento para a sociedade.

No intuito de atingir meus objetivos, procurei me nortear por esse caminho: entender a importância do feminismo para a sociedade, assim como sua caminhada histórica e como isso tem papel significativo nos dias de hoje; desmistificar o mito de que o feminismo é o contrário do machismo e que as mulheres querem a supremacia no mundo; revelar a importância das HQs para as causas sociais e como elas podem contribuir também positivamente para seus leitores e identificar a influência que uma personagem pode ter sobre diversos outros grupos sociais, tomando a Mulher Maravilha como ícone de luta e justiça pela igualdade e pela paz.

Uma das hipóteses levantadas é sobre HQs e seus personagens. A Mulher Maravilha vai além das teorias e se concretiza no mundo real, uma vez que serve como ícone e símbolo para crianças e a um público muito maior de leitores. Um dos pontos de conflito sobre a Mulher Maravilha, e que são debatidos ao longo do trabalho, diz respeito a suas vestimentas e ao seu corpo. A hipersensualização da mulher no universo das histórias em quadrinhos é uma situação que vem ocorrendo há décadas e que atinge todas as personagens femininas dentro das histórias, como já apresentado anteriormente.

A justificativa para o tema parte da perspectiva de que o feminismo é munido de muita importância para a sociedade em que vivemos. O interesse pelo tema e por sua relevância social surgiu também como justificativa desta pesquisa, e pela minha formação em Letras, que abre

diálogo com os estudos culturais. A importância cultural, a representação que a personagem tem para diversos leitores e leitoras ao longo da história e o incentivo social para as causas nas quais a heroína luta são alguns dos fatores que também justificam a importância da minha pesquisa. Por conseguinte, a pergunta norteadora desta pesquisa foi: A Mulher Maravilha pode contribuir positivamente para a causa feminista?

Pesquisa é a construção de um conhecimento. Conforme Demo (1987, p. 23), “Pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade.” Ainda de acordo com o autor (2000, p. 33), “Na condição de princípio científico, pesquisa apresenta-se como a instrumentação teórico-metodológica para construir o conhecimento.” No entendimento de Andrade (2003, p. 121), “Pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

E segundo Gil (2002, p. 17):

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Para o autor (2002, p. 17), “A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.” Ainda de acordo com Gil (2002, p. 17), “a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.” É importante salientar que as metodologias aplicadas à pesquisa variam de acordo com o tipo de pesquisa.

Os trabalhos científicos precisam estar fundamentados em métodos, a fim de que seus objetivos sejam alcançados e seus resultados sejam aceitos pela comunidade acadêmica. Os procedimentos metodológicos são essenciais para a qualidade de uma pesquisa científica, a qual consiste em um processo de investigação, a fim de encontrar respostas a um problema.

Metodologia, de acordo com Demo (1981, p. 7), é “o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para fazer ciência.” A metodologia proporciona um direcionamento à pesquisa. Conforme explicam Marconi e Lakatos (2003), não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Na compreensão dos autores (2003, p. 83),

[...] o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Em razão do exposto, é possível constatar a importância dos procedimentos metodológicos para se atingirem os objetivos de uma pesquisa científica. É a metodologia que norteia o caminho, por isso ela precisa ser clara, objetiva e detalhada. Ela é a aplicação de procedimentos e técnicas que precisam ser observados para a construção do conhecimento.

A presente pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, é definida como bibliográfica, elaborada com base em material já publicado, que tem como característica o levantamento de um tema processado em bases de dados nacionais e internacionais publicados em livros, artigos, revistas, trabalhos acadêmicos (TCCs, dissertações, teses), entre outros.

De acordo com Fonseca (2002, p. 32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Conforme esclarece Gil (2002, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são referentes investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições a respeito de um problema.

Do ponto de vista da forma de abordagem, foi desenvolvida por intermédio de uma pesquisa qualitativa, na qual a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas. Tem como característica ser descritiva, não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Os focos principais de abordagem são o processo e seu significado. A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Conforme explica Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para o desenvolvimento do presente estudo, primeiramente foi feito um levantamento sobre autores e trabalhos acadêmicos que tratassem de feminismo e Mulher Maravilha, a fim de que eu tivesse trabalhos para me basear dentro da minha pesquisa. Depois, fiz uma relação de autoras feministas e artigos que versassem sobre o feminismo, de modo geral (principais autores e correntes), e do feminismo que a Mulher Maravilha nos apresenta por intermédio de suas histórias. Após isso, foi feita uma pesquisa mais teórica sobre as histórias em quadrinhos e sua história dentro da narração; também procurei saber mais a respeito do âmbito da teoria literária e a ponte que existe entre ela e as histórias desenhadas. Depois de ler muito sobre os três pontos cruciais da pesquisa – feminismo, história em quadrinhos e Mulher Maravilha – comecei a colocar em prática por intermédio da escrita.

No primeiro capítulo, abordo a respeito da teoria feminista, de maneira conceitual e histórica, alinhando o movimento de acordo com os acontecimentos que levaram à criação da Mulher Maravilha; no segundo, discorro sobre as histórias em quadrinhos, sua importância e a forma como a narrativa flui; e no terceiro, apresento os aspectos mais relevantes sobre o que havia lido, unindo a teoria à prática de leitura dos quadrinhos da Mulher Maravilha, de 1941 até 2013, isto é, uma análise do surgimento da Mulher Maravilha, de como a teoria feminista se aplica a ela e de um estudo cronológico sobre suas roupas, sua voz, o enredo e ideais da década de 1940 até a década atual. Por último, foi elaborada a conclusão, a qual responde às perguntas iniciais da pesquisa que tratam sobre: o papel da Mulher Maravilha no feminismo, sua contribuição e os aspectos sociais que ela traz para o movimento.

2 O SEXO (NADA) FRÁGIL

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero (ADICHIE, 2015).

A liberdade e emancipação feminina são assuntos que geram polêmica mesmo nos dias de hoje, dentro do século XXI. Todavia, se todos concordarem que um dos meios para vivenciar um mundo mais justo é a igualdade entre os seres humanos que vivem nela, por que a liberdade feminina, em todos os seus aspectos, incomoda tanto a uma grande parte conservadora da sociedade? – e não só os homens se encaixam nessa categoria: mulheres igualmente. E não só a questão é sobre a liberdade feminina, mas o feminismo em sua totalidade. Talvez, por não entenderem suas raízes e o que o movimento realmente significa. Para Alves e Pitanguy (2003, p. 7):

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.

O feminismo, assim como a tecnologia, revolucionária, tem o objetivo de fazer mudanças positivas e evolutivas ao mundo em que vivemos hoje, porém o que acontece é a repulsa de muitas pessoas ao próprio feminismo. Se tentarmos buscar uma possível explicação, várias hipóteses surgem: a primeira delas pela má interpretação e confusão que a palavra feminismo traz, “Feminismo não é o contrário de machismo?”, ou “Feministas odeiam os homens e pretendem ser superiores a eles algum dia”; uma segunda surge a partir do conservadorismo e de tudo o que a independência feminina pode fazer com o *status quo* de uma sociedade.

Independentemente das hipóteses e suas causas, a realidade que bate a nossa porta no século XXI é a de que o mundo mudou e só cabe a nós nos adaptarmos a ele:

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar (ADICHIE, 2015, p.21).

Para isso, devemos voltar historicamente no tempo para tentar entender um pouco mais sobre feminismo e sobre essas lutas que marcaram a história das mulheres. O tom que era dado às mulheres no passado é aquele já conhecido por nós: a dama não deveria fazer parte da vida pública, uma vez que não saberia lidar com ela; deveria ser casta, cuidando e se dedicando exclusivamente à família: filhos e marido – tendo uma atenção redobrada ao último. Também eram conhecidas como criaturas sedutoras, então cabia aos homens colocá-las em seu devido lugar: enclausuradas no lar. Por ser de conhecimento social que a mulher só tinha utilidade para os afazeres da casa, o papel social era excluído de suas obrigações ou anseios – parte disso por serem creditadas como loucas, descontroladas e dissimuladas; ou seja, isentas de controle emocional.

As mulheres devem ser educadas para agradar os homens e ser mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que legitimam a paternidade. Devem aprender a estimular o desejo masculino e ao mesmo tempo impedir a lascívia dos homens. A sedução é própria de sua natureza; elas são desejosas de agradar, modestas, tolerantes da injustiça, ardilosas, vãs, e artísticas em grau menor. Na família, os homens devem governar essas frívolas criaturas (NYE, 1995, p. 20).

A resolução igualitária começou a ter visibilidade em meados da Revolução Francesa, em que mulheres reivindicavam por direitos simples, como a liberdade e a igualdade. No século XIX, as mulheres viram sua primeira oportunidade no sufrágio. Seguindo a premissa *Liberté, Égalité et Fraternité*⁷ as mulheres decidiram lutar por direitos só que dessa vez começando do início, pelo direito ao voto, como afirma Nye (1995, p. 30):

Em toda parte reivindica-se que deve haver voto para todos, e todos não pode significar a metade masculina. Com base em que são as mulheres excluídas? A Declaração de Independência afirma que “Todos os homens são criados iguais.” [...] As mulheres têm interesses, padecem sofrimentos, desfrutam prazer. E em que base não seriam elas o melhor juiz de como esses interesses devam ser atendidos? O único argumento possível contra a inclusão das mulheres é o mais simples: porque não são homens.

Entretanto, os embates sobre o que todos esses direitos acarretariam para as mulheres eram desenhados acerca de uma possível rebelião feminina e de sua capacidade de julgamento para o voto. As mulheres seriam capazes de ser racionais o suficiente para escolher seus governantes? Uma vez que as mulheres entrariam no “mundo dos homens”, tendo parte de seus direitos, como ficaria o lar? O poder, ainda que escasso, subiria à cabeça? Seguindo os conceitos utilitaristas da época – os quais afirmavam que a sociedade deve elevar sempre o prazer e reduzir o

⁷ Liberdade, igualdade e fraternidade: lema da Revolução Francesa.

sofrimento, para maior harmonia entre todos –, Harriet Taylor⁸ acreditava que, para maior harmonia social, as mulheres deveriam participar também dos afazeres trabalhistas, como é desenhado por Nye (1995). Gurgel (2010) introduz sobre a luta das mulheres para a conquista de um lugar no mercado de trabalho:

Isto por quê como já situamos, a entrada das mulheres no mundo do trabalho enfrentou forte resistência de parte dos trabalhadores que, dominados pela ideologia patriarcal, consideravam essa presença além de uma ameaça aos seus empregos, mas também uma deturpação do papel tradicional das mulheres que para eles deveria se reduzir ao cuidado do lar (GURGEL, 2010, p. 4).

Embora a resistência, as mulheres também conseguiram ingressar no mercado de trabalho. Reflexo da sociedade e vida doméstica, foi encontrado no mercado de trabalho o mesmo sistema patriarcal de hierarquia no qual as mulheres ocupavam o nível mais baixo, com trabalho demais e remuneração de menos.

Quanto à maioria, as mulheres nos países ocidentais são agora “livres”: livres para votar, livres para concorrer a cargos públicos, livres segundo leis trabalhistas para trabalhar onde e como preferirem. O que isso significa, porém, é que não há barreiras legais para fazer quaisquer dessas coisas. Discriminação pelo empregador, hostilidade dos companheiros de trabalho, socialização na família, estereótipos culturais que convencem as mulheres de que elas são objetos sexuais, responsabilidades de família — são barreiras fora da lei. [...] Embora umas poucas mulheres excepcionais possam ocupar posições de poder, a grande maioria permanece enclausurada em profissões mal pagas, subordinadas. Dada a sua situação econômica, a mulher é livre para barganhar, mas não está em condições de fazer isso tão proveitosamente; livre para viajar ou sair sozinha, é ainda pobre demais para pagar suas próprias contas (NYE, 1995, p. 38).

A luta das mulheres pelo mercado de trabalho acabou em mais subordinação. Os salários também não eram iguais. Ao buscarem sobre leis que diziam respeito à isonomia salarial, tais direitos eram inconsistentes, uma vez que afirmavam que, para ganhar mais, as mulheres deveriam investir em qualificações superiores – algo que não acontecia, por motivos econômicos ou sociais.

Entretanto, o trabalho feminino sempre recebeu remuneração inferior ao do homem. Esta desvalorização, por outro lado, provocou a hostilidade dos trabalhadores homens contra o trabalho da mulher, pois a competição rebaixava o nível salarial geral. Assim, em determinados períodos, surgiram restrições à participação da mulher no mercado de trabalho, como em Londres, no ano de 1344, quando a corporação de alfaiates proibiu seus membros de empregarem mulheres que não fossem suas esposas ou filhas (ALVES; PITANGUY, 2003, p.18).

⁸ Harriet Taylor, como é citada por Andrea Nye, foi uma importante filósofa e defensora dos direitos das mulheres no século XIX. Produziu a primeira petição em favor do voto às mulheres na época.

O direito ao voto e o direito ao trabalho estiveram presentes na primeira onda⁹ do Movimento Feminista, no final do século XIX. Ainda que lentos e pequenos, os feitos foram de grande impacto para as mulheres da época; apesar de que a batalha estivesse – e ainda está – longe de estar acaba. Nas décadas seguintes, o movimento acabou por perder um pouco sua força, retornando pouco a pouco, e a Segunda Guerra Mundial foi um evento para mostrar ao mundo como a mulher era tão eficiente no mercado de trabalho quanto nas tarefas domésticas.

Logo após a invasão da Polônia pelos alemães em 1939, um novo alerta começou em todo mundo. A história de uma guerra assim como aquela que havia se instaurado há alguns anos voltava e exigia muito de todos os países envolvidos. À medida que a guerra se intensificava, mais foi exigido das mulheres, que saíssem do lar e mostrassem serviço a seu país nas fábricas.

Em 4 de dezembro de 1940, durante a II Guerra Mundial, as mulheres do Batalhão da Morte da Rússia lançaram-se à luta mais violenta. As mulheres britânicas dirigiram ambulâncias carregadas de soldados gravemente feridos em meio a pesados bombardeios. As mais jovens trabalharam nas fábricas de munições e comprometeram-se a não retornar à antiga vida sem ao menos exigir e conseguir o direito ao voto. As mulheres lutaram, trabalharam como enfermeiras, pilotaram aviões, animaram as tropas, infiltraram-se clandestinamente para informar seus companheiros acerca do combate e aprenderam a construir barcos e tanques. Além disso, suportaram todas as atrocidades cometidas na guerra: campos da morte, incêndios de bombardeios e a arma fundamental: a bomba nuclear (HISTORY CHANEL, 2017).

A Segunda Guerra foi diferente da primeira. Embora as mulheres tenham tido uma participação dentro de fábricas no primeiro conflito, ganhando menos e não entrando tanto dentro das áreas reais de combate, a Segunda Guerra veio para intensificar essa participação. Desde trabalho em fábricas até pilotando aviões, secretárias, datilógrafas, soldadoras, enfermeiras e motoristas, as mulheres passaram a ocupar cargos muito além do imaginado¹⁰.

Grande parte dos homens estava sendo recrutada para lutar e, conseqüentemente, morrer em campos de batalha; sendo assim, as fábricas e a sociedade ficavam sem força de trabalho suficiente. No intuito de incentivar a participação de mais mulheres no trabalho, o governo americano, por meio de J. Howard Miller e da fábrica *Westinghouse Electric Corporation*, criou um cartaz (Figura 1) de uma bela operária (chamada de maneira ficcional de Rosie, *The Riveter*), patriota, determinada e de mangas arregaçadas e bíceps à mostra para incentivar o trabalho de mulheres de classe mais elevada (as mulheres

⁹ A Primeira Onda do Feminismo, datada entre o final do século XIX e início do século XX, reivindicava importantes e essenciais direitos na vida das mulheres como o direito ao voto, a liberdade sexual, econômico e reprodutivo.

¹⁰No Brasil também não foi diferente: foram enviadas 73 enfermeiras para ajudar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, durante a Segunda Guerra (MELLO, 2016/2017).

de classe inferior sempre trabalharam de modo extradoméstico). Foi, de fato, o período de guerras em que o maior número de mulheres alcançou a esfera do extradoméstico.

Figura 1: *We Can Do It!* de J. Howard Miller, 1943



Fonte: Wikipédia (2017).

De certo modo, a propaganda do governo para que as mulheres trabalhassem deu certo: em 1890 a porcentagem de mulheres que trabalhavam era de 17%, enquanto no período de guerra (1944) era de 35,4%. A Alemanha também teve uma participação muito maior de mulheres na Segunda Guerra: 51,1% que vão contra os 37,4% de participação em 1938.

Historicamente podemos notar que somente em períodos de guerra a ideologia que diferencia papéis de gênero é ligeiramente desativada, e isto em prol de benefícios econômicos das sociedades, ou seja, passa-se a não se diferenciar "trabalho de homem x trabalho de mulher" para se atender a interesses financeiros e de guerra. (SOUZA, 2015)

Assim, para interesses econômicos, a ideia de uma mulher que pode fazer parte da esfera social e igualitária em relação ao homem é aceita. A Segunda Guerra veio para mostrar isto: enquanto homens eram obrigados a servir ao seu país, foram as mulheres que controlaram as fábricas e o andamento da sociedade em si; sem contar a rotina dupla como mães e conciliadoras, que trabalhavam o dia todo para o sustento social e econômico e, à noite, dedicavam seu tempo aos filhos e aos trabalhos domésticos, uma vez que eram as únicas encarregadas disso. Embora

a única maneira de dar conta da guerra e da produção fosse com a ajuda de mulheres na mão de obra, muito foi questionado sobre isso: ficaram as mulheres para sempre no mercado de trabalho, ocupando vagas que originariamente eram de homens? E quanto ao trabalho da casa e com os filhos? Quem tomaria conta disso?

Qual teria sido o impacto da participação das mulheres no esforço de guerra? A despeito da mobilização dessa força de trabalho ter, até certo ponto, desarticulado momentaneamente os movimentos feministas, não há dúvida de que as guerras deram espaço para que as mulheres pudessem mostrar suas habilidades, testar capacidades e expandir seus limites de atuação para muito além do ambiente doméstico. 15 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o movimento feminista surge com força, dando início a uma segunda onda de lutas e reivindicações, mais voltadas para a politização do papel social da mulher e para o combate às estruturas sexistas de poder. Até hoje luta-se por direitos iguais de remuneração e cargos (MELLO, 2016/2017).

Embora a imagem do *We Can Do It* tenha nascido durante a Segunda Guerra, foi pouco vista durante essa fase, sendo popularizada cerca de quinze anos mais tarde, na segunda fase do feminismo, junto também do marco “O segundo Sexo” (1949), livro de Simone de Beauvoir, serviu como base para diversas teorias feministas da época – assim como para alavancar novamente o movimento. Beauvoir também alerta para o papel e seu reflexo na sociedade, questionando o papel da mulher pela mulher, e não da mulher por intermédio do homem.

2.1 Feminismos

O papel científico do feminismo pode ser atribuído a uma pesquisa das causas da subordinação feminina em relação ao homem e como ocorre, chegando ao resultado final e, só aí, abrindo um leque para um projeto de emancipação feminina, quebrando e criando paradigmas novos acerca do papel da mulher na sociedade.

Somente na segunda onda¹¹ de feminismo é que as vertentes do movimento se destacam. Dentre as diversas existentes hoje, o feminismo radical, liberal e socialista foram aqueles que mais se destacaram ao longo dos anos – tendo as três um mesmo “impulso modernista”, fazendo política cada uma a sua forma (SARDENBERG, 2001, p. 4).

¹¹ A Segunda Onda do Feminismo foi ativa entre a década de 1960 e 1980, sendo uma continuação da primeira onda. As mulheres se preocupavam agora com o fim da discriminação e a igualdade entre os gêneros. Outro fato importante da Segunda Onda foi a publicação do revolucionário livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir.

O significado contemporâneo de “feminismo” parou de ser caracterizado apenas pelas palavras “liberdade e igualdade” e passou a ser definido por conceitos mais complexos, levando em conta várias correntes e posições políticas. Ao pesquisar acerca do tema de maneira extensa, são notáveis as várias fontes e os vários conceitos em que cada vertente existente dentro do feminismo detém um olhar mais direcionado para certos problemas e características do movimento. A primeira pergunta que nos vem à cabeça é: para quê tantos? Ou se a existência de tantas variações pode causar conflito dentro do movimento. A resposta, acredito, é simples: hoje não falamos do movimento no singular, mas sim no plural: são feminismos. Fazem parte do movimento todos os tipos de mulheres: a mulher da favela, a lésbica, a negra, a mulher jovem, a mãe, entre outras. Com o crescimento do movimento e sua diversidade de participantes, várias vertentes foram criadas a fim de atentar para as dificuldades que cada mulher enfrenta com suas limitações – enquanto a mulher branca luta contra a desigualdade salarial no trabalho, a mulher negra reivindica direitos básicos, e a mulher trans o direito de ser reconhecida na sociedade. No entanto, o feminismo também traz a luta pelo direito que diz respeito a todas as mulheres em geral: o fim da violência doméstica e dominação masculina.

Já suas definições e visões detém respostas mais complicadas. As principais correntes que tomaram força e podem ser apresentadas como as iniciais dentro do movimento foram três: feminismo liberal, radical e femitude. Também são populares atualmente o feminismo negro, interseccional e o feminismo trans.

Estas, por sua vez, dão forma a uma variedade de feminismos “hifenados”, frequentemente contraditórios e antagônicos, e que não podem ser cristalizados em uma única posição – feminismo cultural, humanista, marxista, socialista, pós-estruturalista, psicanalítico, radical, lésbico, negro, ecológico etc. Tal heterogeneidade interna ou “interdependência de diferentes forças” – dada a percepção de algum nível de cumplicidade com as estruturas de opressão – não chegou, contudo, a fraturar nem enfraquecer a importância política desses feminismos que tange a crítica da dominação. Pelo contrário, em resposta à necessidade histórica de tecer articulações entre as múltiplas posições de sujeito visando distintos efeitos políticos, o feminismo, enquanto movimento social e corpo teórico, constituiu-se desde sua inepção em plena diversidade, e é nela que reside seu maior potencial (COSTA, 1994, p. 128).

Sistematicamente, as primeiras feministas que lutaram por seus direitos na história beberam na fonte da teoria liberal e democrática – citamos aqui Harriet Taylor, por exemplo – mostrando sua luta por intermédio do direito pelo sufrágio. Em seguida, foi percebido por essa onda feminista que essas mesmas ondas teóricas não eram suficientes para abastecer, então foi bebido do marxismo, o qual, mais tarde, ao mesmo tempo que ofereceu o trabalho às mulheres, também as qualificou como quem exerce atividade não produtiva. A psicanálise analisou as

relações entre mãe e filha e, novamente, o papel da mãe (a mulher, antes de tudo), era um mistério um quanto tanto oprimido.

Para que uma teoria feminista seja criada, não é necessário somente nos apoiarmos em fontes masculinas já escritas, mas sim criar nossa própria. Somente dessa maneira será possível que o mundo das mulheres conquiste mais direitos para si.

Esse tomar emprestado, essa adaptação, essa contínua superação de uma instância teórica que restringe a prática feminista, que deixa demasiado do que resta estranho à experiência feminina intacta e intocável pelo pensamento e ação das mulheres, é a história da teoria feminista. É também uma história reencetada cada vez que as mulheres começam de novo a consertar a teia danificada do entendimento que deve sustentar toda ação feminista significativa (NYE, 1995, p.16).

A mulher, antes invisível, se torna centro de estudo, lutas e teorias. A partir do material que temos na atualidade, novas lutas dentro de todos os grupos sociais estão por vir. Não lutamos mais por sufrágio ou para ingressar no mercado de trabalho. Lutamos para ter maior número na política, para ganhar o mesmo que homens e por políticas públicas de maior efeito. Lutamos pela emancipação social e sexual; pelo direito de escolhas e por sermos donas de nosso próprio destino, traçando-o sem medo de opressões ao longo do caminho. Lutamos pela sororidade¹² feminina, em mulheres com a sensação de irmandade e não de rivalidade. Lutamos pela liberdade de sermos mães, solteiras, casadas, *sexys*, independentes, donas de empresas, mandonas, donas de casa, entre outros. Mulheres.

2.2 Contribuição social e conquistas: a batalha está longe de acabar

Volto ao que foi debatido no início do capítulo: se o feminismo, em qualquer uma de suas vertentes almeja somente a igualdade de direitos entre homens e mulheres de forma justa, por que tantas pessoas têm essa visão errônea sobre o movimento? Por que tantas mulheres usam a tal frase “não sou feminista, mas...”, como se tivessem algum tipo de alergia a tal rótulo? Pode-se dizer que tal visão tem a ver com o entendimento errado do que significa ser uma feminista. Para alguns autores dos comentários nos jornais online, a concepção de feminismo é distorcida: são mulheres que desejam a supremacia feminina, declarando guerra e ódio aos homens.

¹²Um termo muito relevante ao movimento feminista. Em uma opinião particular, um dos termos mais importantes trazidos pela filosofia dessa luta é a questão da sororidade. Muito significativo dentro do processo de empoderamento feminino a sororidade fortifica a relação de irmandade e solidariedade entre mulheres.

O feminismo é alvo de várias críticas, entre elas está a comum confusão feita por muitas pessoas, inclusive mulheres, achando que esse movimento se trata de conseguir a supremacia das mulheres, de transformá-las em superiores aos homens, criando um pseudofeminismo vitimista, vigarista e hipócrita. Vitimista por colocar a mulher como sexo frágil e o homem como o único responsável pela condição inferior feminina; vigarista porque deseja que o homem seja subalterno às mulheres; e hipócrita porque defende o mesmo sexismo que lutam contra (PERMANECENDO ..., 2012, p. 1).

Embora essa popularização de ideias errôneas sobre o movimento, não podemos deixar de enaltecer tudo aquilo que trouxemos por meio de contribuições históricas, políticas e sociais à sociedade.

Algumas conquistas foram alcançadas. Sem pretender fazer um balanço completo, pode-se destacar a legalização do direito do aborto nos Estados Unidos e vários países europeus; o estabelecimento de uma proporção mínima de mulheres em cargos do funcionalismo público e universidades dos Estados Unidos; a proliferação de departamentos de ensino e pesquisa universitários voltados para o estudo da condição da mulher [...] Uma experiência importante desse movimento tem sido a de concretizar a solidariedade entre as mulheres através da formação de centros de apoio, que adquirem as mais variadas feições, baseados fundamentalmente no trabalho voluntário. Multiplicam-se, dessa forma, espaços culturais – livrarias, editoras, cursos, exposições de arte, simpósios, congressos, etc. – que buscam a divulgação e o intercâmbio da divulgação feminina em seus vários aspectos. Criaram-se também *Casa da Mulher; onde se desenvolve um trabalho de apoio (jurídico, médico, psicológico, cultural) e de conscientização; clínicas de saúde, onde a mulher encontra um atendimento ginecológico e obstetrício voltado para a aquisição de um conhecimento de sua biologia, de sua sexualidade, centros de socorro (SOS-Violência onde a mulher, vítima de violência física, encontra um suporte imediato* (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 69, grifo dos autores).

Como já citado e comentado anteriormente, continuamos ganhando menos do que homens; temos pouca participação em ambientes políticos, ainda que sejamos mais populosas no mundo. A questão da liberdade sexual também é outra que deve ser levada em pauta quando falamos de mulheres. Somos constantemente discriminadas por exaltarmos nossa sexualidade, característica comum a todos os seres humanos, assim como olhadas com desconfiança quando escolhemos uma carreira profissional em vez de filhos.

Diante dos altos e baixos, não podemos nos esquecer de todas aquelas que lutaram e nos deram todos os direitos que podemos desfrutar hoje. Tudo aquilo que as mulheres conquistaram ao longo dos anos tem um teor de muita luta em sua escritura. Junto a isso, adicionamos uma determinação que só nós, do sexo feminino, com nossos pensamentos e sonhos de olhos no futuro, almejando e fazendo o possível para que seja cada vez mais justo.

Não há, então, melhor definição daquilo que somos do que a da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie: “**Feminista: a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos**” (ADICHIE, 2015, p. 58, grifo nosso).

3 A NARRATIVA E SUAS POSSIBILIDADES

“A história em quadrinhos, em si, não é nem boa nem má, depende do uso que se faz dela” (FREIRE, 1949 apud CARVALHO, 2006, p. 34)

A capacidade de narrar é uma característica do ser humano. A narrativa representa uma sequência de acontecimentos, os quais estão interligados, que são transmitidos em uma história. De acordo com Barthes (1987, p. 103-104):

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida.

Narrativas podem ser apresentadas em formato de história em quadrinhos, as quais são contadas com o auxílio de texto (aspecto verbal) e de imagem (aspecto não verbal), um influenciando o outro na compreensão da história; nesse gênero, ambos se associam na construção de sentido da narrativa. As HQs têm os mesmos elementos de outros gêneros: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço. Conforme Rezende e Silvério (2012, p. 258):

As HQs são um meio de comunicação em que estão presentes a linguagem verbal nos balões e nas legendas e a linguagem não verbal por meio de uma sequência de desenhos e demais símbolos utilizados pelo autor. Essa arte sequencial, como é conhecida, reporta a leituras pelas quais podemos dar movimento aos desenhos com o uso da imaginação e da criatividade.

Há a combinação entre o visual, as falas, as onomatopeias e os variados tipos de balão, que são recursos característicos das HQs os quais possibilitam a aproximação da oralidade, contribuindo na interação do leitor com as histórias. Para Gouveia (2011, p.23), “a literatura pode se apropriar de qualquer outra linguagem, inclusive de linguagens não verbais, mas manterá sempre sua identidade”.

As histórias em quadrinhos rendem muito a seus criadores e são bem falados em diversos grupos sociais atualmente. Tiveram sua origem no século passado, em meio a relações diretas entre interação e criatividade humana. De rabiscos simples capazes de encantar, imergir e ressignificar até artes mais complexas, que se igualam a verdadeiras obras-primas, essa forma de arte é ligada a antecedentes muito antigos, como as gravuras e pinturas rupestres, em que nossos antepassados desenhavam. Registros históricos apontam que esses mesmos desenhos

eram traduzidos como magia, uma vez que os homens das cavernas acreditavam que as gravuras serviam como amuleto de sorte para a temporada de caça, ou como expressão de uma realidade muito diferente da nossa.

As histórias em quadrinhos, quer para entretenimento, quer para incentivo à leitura, atiraram e acertaram em leitores dos mais diversos tipos, classes e grupos. Objetivamente,

A melhor definição para a história em quadrinhos está em sua própria denominação: é uma história contada em quadros (vinhetas), ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto. Em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto (IANNONE; IANNONE, 1994. p. 21).

A necessidade de expressão do ser humano só ganhou força com o passar dos anos. Até que, nos Estados Unidos, surge uma nova maneira de expressão e comunicação que foi florescida pelos *Syndicates*¹³ em todo país. Segundo historiadores, o registro do primeiro quadrinho é de 1895¹⁴, até o surgimento dos então chamados de *comic books*¹⁵. Dos *comics*, seguiram-se os *adventure strips*, até os *action comics*.

Embora um meio muito popular de leitura, os quadrinhos sempre foram julgados como uma leitura precária. Mas será que é possível classificá-los como literatura? Cirne (1970) afirma que os quadrinhos se tornaram literatura dentro do século XX, a partir do momento em que atingem a cultura de massas. Discussões como essa acerca da funcionalidade dos quadrinhos eram extremamente comuns em seu surgimento, no século passado. Vistos como propagadores da preguiça e falta de interesse pela leitura, eram subestimados e criminalizados pela crítica especializada. Para Cirne (1970, p. 22), “Evidentemente, além da importância ideológica e social, os quadrinhos registram uma problematidade expressional de profundo significado estético, tornando-se a literatura por excelência do século XX”.

Para Ramos (2009 apud TAVARES, 2011, p.12): “[...] chamar quadrinhos de literatura [...] nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados [...] como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio universitário.”

¹³Os *Syndicates* foram criados na década de 20 pelos jornais estadunidenses, de forma a contratar e disseminar a indústria dos quadrinhos pelo país e pelo mundo.

¹⁴Embora esse primeiro registro nos EUA, o Oriente Médio já produzia seus próprios quadrinhos (desde 1702), os quais são chamados de Mangás.

¹⁵Originalmente, os quadrinhos surgiram com o nome de *comic books*, uma vez que as histórias (em sua grande maioria) eram cômicas. Os primeiros exemplares dos *comics* seguiam com piadas e anedotas em meio a sua história. Já os *adventure strips* (tiras de aventura) traziam em sua bagagem com quadrinhos de aventura – o mais famoso deles: Tarzan (1929).

No Brasil, as HQs eram, em sua grande maioria, cômicas. Angelo Agostini foi um dos primeiros a produzir o gênero em terras brasileiras, em 1869, por meio do jornal *Vida Fluminense: As Aventuras de Nhô Quim*. Entretanto, a impressão passada por essas histórias não era das melhores; o julgamento foi tão ferrenho que as notas publicadas na época sobre isso afirmavam que os quadrinhos causavam em seus leitores “retardo mental”, “prejuízo à saúde mental”, sendo um “veneno importado”. Até o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) publicou um estudo sobre o caso:

Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC), apresentou um estudo preconceituoso, sem rigor na apuração ou embasamento criterioso, no qual afirmava que as HQ’s provocavam “lerteza mental”. Ao que parece, a preocupação do INEP era com o fato de que muitas crianças preferirem ler quadrinhos a livros. Ainda que muitos intelectuais e até mesmo o governo de Vargas elogiassem as HQ’s, o tal estudo surtiu efeito devastador entre muitos pais e professores, implicando proibições de leitura das HQ’s e gerando frases repetidas e lembradas por muitas gerações, como “quem lê histórias em quadrinhos fica com o cérebro do tamanho de um quadrinho” (CARVALHO, 2006 apud WESCHENFELDER, 2011, p. 22).

Como forma de acalmar o debate, o Congresso Nacional decidiu implantar uma comissão de análise às HQs, a fim de que houvesse uma ética e um padrão para tais histórias. Liderada pelo deputado federal Gilberto Freire, o qual, na época, era responsável por causas educacionais no congresso, a comissão chegou às seguintes conclusões, como apresenta Weschenfelder (2011, p. 22), citando Carvalho (2006):

- a) as HQs, em si, não são boas nem más, dependem do uso que se faz delas;
- b) as HQs ajudam na alfabetização;
- c) por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
- d) as HQs preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.

Os quadrinhos, originalmente, surgiram dentro de jornais, em forma de tirinhas, para que o leitor fosse capaz de fazer uma leitura rápida, juntando em poucos quadros o significado e condensando sua tensão para o final da história – onde, finalmente, ocorre seu ápice e o resultado de tudo aquilo que fora trabalhado nos outros quadrinhos anteriores. A tirinha, então, foi um importante marco na história das HQs; tanto pela questão da criatividade quanto por suas temáticas.

Os quadrinhos nasceram dentro do jornal – que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, – frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior – esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte – ou um novo tipo de literatura, – tendo o consumo como fator determinante de sua permanência temporal. (CIRNE, 1970. p. 38)

Os quadrinhos também são aliados e constantemente comparados com o cinema e sua potência. As relações entre uma e outra arte acontecem de modo estreito e capaz de conceder uma visão díspar do que a arte é. Cirne (1970, p. 39) caracteriza como “artes que nasceram simultaneamente sob idênticos impactos sociais e tecnológicos”.

A esse respeito, assim ressalta Alain Resnais, cineasta francês:

O que sei sobre o cinema, eu o aprendi tanto no cinema quanto como nos quadrinhos. As regras de decupagem e montagem são as mesmas, tanto nos quadrinhos como na tela. E, bem antes do cinema, eles utilizaram o scope e sempre puderam mudar de formato. Da mesma forma a cor: eles sabem utilizá-la para fins dramáticos (in Os quadrados contra os quadrinhos, CASTRO) (CIRNE, 1970, p. 39).

Há diversos recursos usados para que o dinamismo do quadrinho se realize. Tais recursos ajudam a elaborar o quadro cinematográfico que ocorre dentro de nossa imaginação ao ler uma história em quadrinhos. Um exemplo dessa estética é o balão, o qual teve seu surgimento por volta de 1900, embora a data não possa ser dita com exatidão, uma vez que há registros de balões em quadrinhos em 1370 (CIRNE, 1970). Podemos dizer que o balão é um dos elementos mais criativo dos quadrinhos, podendo ser redondo, retangular, espetado, duplo, sempre com uma espécie de “rabicho” em seu final, para indicar autoria de fala (Figura 2); com letras também nas mais variadas formas, no intuito de expressar sentimentos (Figura 3). Tem a função principal de expressar palavras, sentimentos e pensamentos dos personagens das histórias, fazendo relação entre o que é dito e o que é representado nas imagens. As onomatopeias também são bem conhecidas dentro dos quadrinhos de super-heróis. São caracterizadas por “Bum!”, “Pow!”, “Argh!”, entre outras, com o propósito de dar som e vida à tira, adicionando ao recurso visual da história (Figura 5). O narrador, por outro lado, tem um espaço de muita valia na história. Ele pode estar fora da história e ser representado por um balão sem “rabicho” para nenhum personagem, sempre em algum canto, dentro das vinhetas; ou a narração também pode estar sendo executada pela personagem – a qual não é ouvida pelos outros personagens da história, somente por seu narrador (Figura 4).

Quanto às vinhetas (sequência de quadros apresentados com os personagens), podemos adicionar que é um elemento de suma importância nas histórias. Relata Oliveira (2007) sobre as vinhetas:

[...] o quadro (vinheta) é o ícone mais importante dos quadrinhos, revelando-se como um indicador da divisão do tempo e do espaço nesta produção artística. Ao mover os olhos pelo espaço da página, o leitor também tem a sensação de se mover no tempo. Devido a sua importância, a forma dos quadros ou até a ausência destes influenciará a experiência da leitura. Assim, um quadro sem contorno pode dar mais leveza ou agilidade à leitura, enquanto uma imagem que extrapola os espaços pode intensificar a dramaticidade de uma cena, isto só para citar algumas das muitas possibilidades interpretativas.

A vinheta segue um formato padrão entre as histórias, com uma sequência de leitura que segue da esquerda para a direita, de cima para baixo, de modo tradicional. O movimento das vinhetas cabe à imaginação do leitor (Figura 6). Assim como os balões, as vinhetas também têm suas variações: podendo retratar tensão entre os personagens (Figura 7); ou, quando a cena em foco é de luta ou discussão, é comum ver vários quadros com mesmos personagens retratados (Figura 8).

Usarei a partir de agora a própria HQ de minha pesquisa para ilustrar esse aspecto formal que é o princípio da narrativa:

Figura 2 – Rabicho indicador da fala



Fonte: Rucka (2016, p. 7).

Figura 3 – Formas variadas de letras para expressar sentimentos



Fonte: Sekowsky (1972, p. 7).

Figura 4 – Representação do narrador-personagem



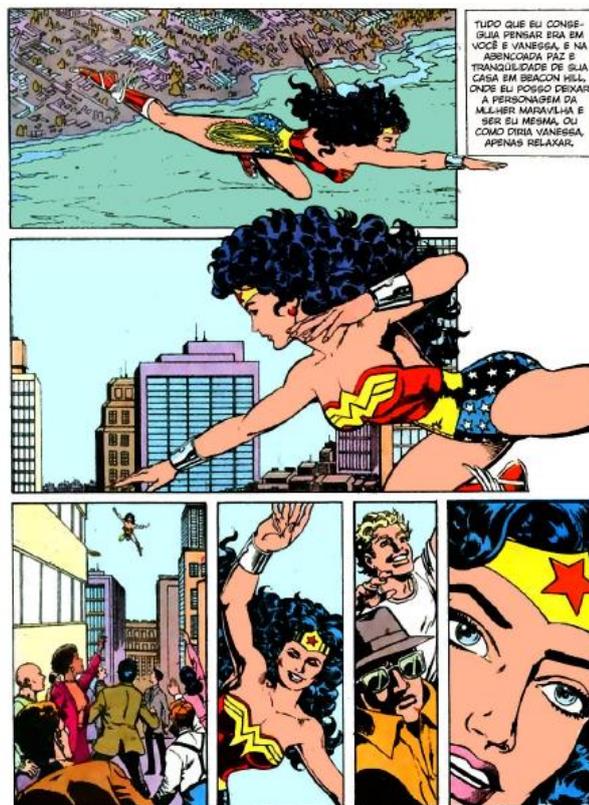
Fonte: Roon (1942, p. 15).

Figura 5 – Recurso visual: Onomatopeias



Fonte: MESSNER-LOEBS (1995a, p. 22).

Figura 6 – Movimento das vinhetas



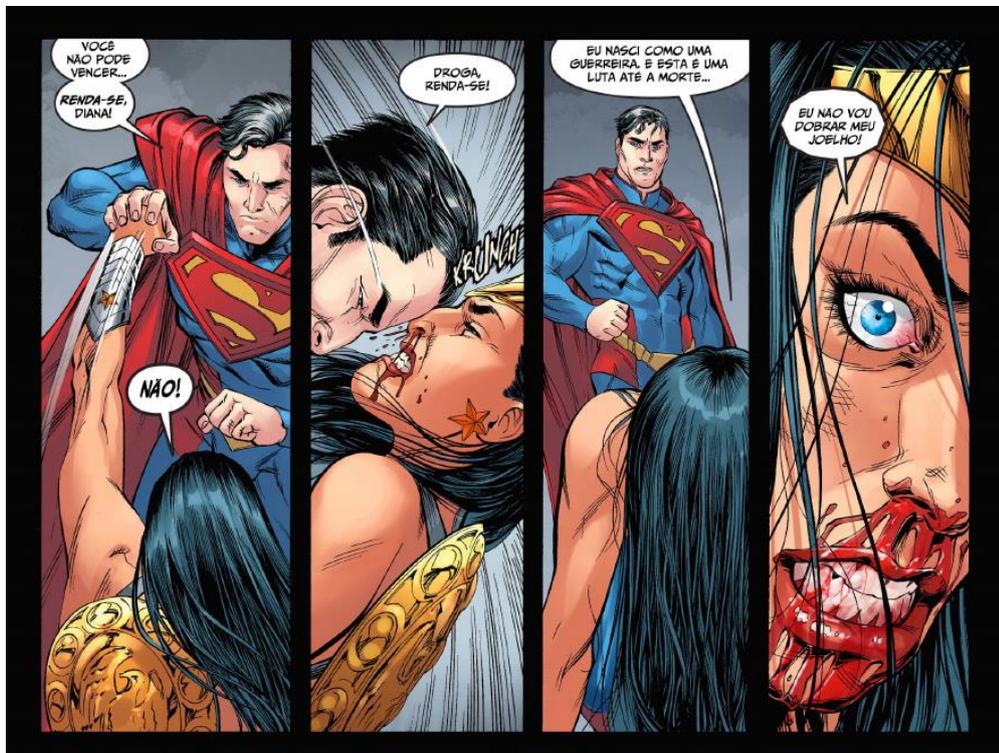
Fonte: Pérez (1990, p. 17).

Figura 7 – Variações das vinhetas que podem retratar tensão entre os personagens



Fonte: Buccellato (2015b, p. 5).

Figura 8 – Vários quadros com mesmos personagens retratados



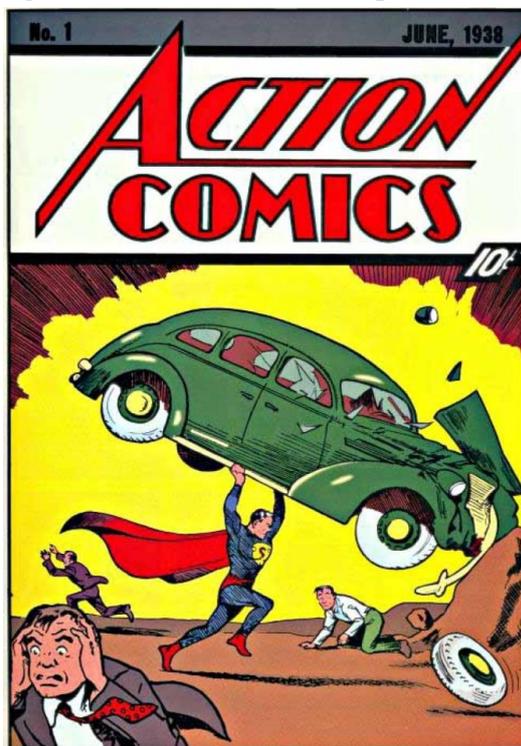
Fonte: Buccellato (2015a, p. 19).

É o conjunto de toda essa obra – as imagens dos personagens em sequência, produzindo e deixando a imaginação do leitor viva quanto a seus movimentos; os balões que dão sentido à imagem, o que ocorre por intermédio da fala, assim como os pensamentos e suas letras gritantes, que trazem raiva, amor, ressentimento, desespero entre outros; a narração feita por entre os quadrinhos que dá norteamento à história – que encaminha o leitor a uma zona jamais conhecida, capaz de se tornar uma experiência muito diferente daquela que o livro oferece; que também leva a mundos desconhecidos, povoados e inteiramente novos.

Na concepção de Cirne (1970, p. 24), “Pouco importa saber se os quadrinhos são – ou não – uma arte [...] mesmo porque – hoje – o que realmente seria arte? O que importa é o seu poder de comunicação e a sua capacidade de revitalizar formas expressionais.”

Passo agora a pensar sobre o surgimento dos super-heróis: o início de uma Era. O primeiro grande feito dessa Era foi o surgimento de um dos principais super-heróis de todos os tempos: Foi o *Action Comics* que introduziu ao mundo o Superman como herói, em 1938¹⁶ (Figura 9). Criado por Jerry Siegel e Joe Shuster, o Superman fez sua primeira aparição no *Action Comics*. Logo após, sua imagem foi popularizada, ganhando seu próprio quadrinho em 1939 (sendo o primeiro herói com tal feito), séries de TV, filmes e a paixão mundial. Paixão que é viva até hoje, ganhando admiração daqueles que o leem e o conhecem, até daqueles que não o conhecem tanto assim. O Superman virou ícone da cultura pop, com uma popularidade que ofuscou os diversos outros heróis que também nasceram na época; tornou-se um ideal entre os meninos, um ícone e fonte de inspiração e serviu como base para aqueles heróis que estavam a surgir.

¹⁶ Curiosidade sobre o primeiro quadrinho do Superman: em agosto de 2014, a primeira edição do quadrinho do homem mais forte do mundo foi a leilão no site do *eBay*, sendo vendida por 3,2 milhões de dólares. Na época de sua publicação original, em 1938, o quadrinho custava 10 centavos de dólar.

Figura 9 – *Action Comics*: Superman

Fonte: G1.Globo.com (2014).

O surgimento dos quadrinhos de heróis se consagrou e, em 1940, já dominavam uma boa parte da produção de *comics* no país:

[...] visivelmente mais aventureira que outras revistas em quadrinhos, ela continha páginas com *layouts* mais inventivos, painéis maiores, e trabalho de sombreamento mais intenso para criar a atmosfera. Fundamentalmente, a *Detective Comics* significou uma nova fórmula para os quadrinhos. O humor estava dando lugar à luta contra o crime. (WRIGHT, 2008 apud ANDRADE, 2012, p. 21)¹⁷

Seguindo a deixa de Superman, diversos outros heróis foram surgindo: também em 1939, Bob Kane deu a vida ao Batman – outro herói poderoso da *DC Comics* e, quase sempre, antagonista do Superman; atribuição essa do seu passado sombrio – também amado pelo público leitor. Batman também ganhou seu espaço dentro da editora de maneira rápida, sendo dono de seu próprio quadrinho em 1940. Batman e Superman, juntamente ao poder da Mulher Maravilha, tornaram-se a trindade da *DC Comics*: reunião dos três personagens mais poderosos do universo.

A leva de super-heróis foi importante para a situação mundial da época. Em meados da Segunda Guerra Mundial, os heróis vão aparecendo na cena dos quadrinhos, como meio de

¹⁷ Tradução de Ana Flávia Pereira de Andrade.

idealização e de mostrar aos seus leitores que eram capazes de vencer qualquer batalha. Exemplos disso, Superman e Capitão América que lutaram durante a Segunda Guerra.

Para Viana (2005), a emergência da segunda grande guerra e o papel dos Estados Unidos nesta, explicita a inserção do caráter político nos quadrinhos. O mundo dos super-heróis passa a ter, segundo ele, uma função propagandística de determinados valores hegemônicos na sociedade. A ‘necessidade de heróis de carne e osso para sacrificar sua vida na guerra criou a necessidade da fantasia dos super-heróis’” (ibid., p. 45).” (WESCHENFELDER, 2011, p. 21).

Popularmente, quadrinhos de super-heróis são enquadrados como cultura de massa, comerciais. Podemos descrever as HQs – se superficialmente – como histórias que têm (mensalmente) uma continuidade de informação. Requer uma grande dedicação por parte dos seus leitores, uma vez que a história já está em seu curso. Graças à grande demanda de quadrinhos já publicados, de histórias que acabam por se perder de suas origens muitas vezes e da popularidade atual dos quadrinhos, é quase que comum as indústrias lançarem novas origens para seus personagens diversas vezes. É o que ocorre com a *DC Comics*, ao lançar os Novos 52 em 2011. Os Novos 52 se trata de novos “renascimentos” para 52 personagens ou histórias da editora; uma nova reformulação de quase todos os personagens e histórias famosas, para possibilitar um entendimento maior daqueles que já leem e para atrair novos leitores, também para organização do cânone¹⁸ acompanhamento das histórias.

Fora as HQs, temos as *graphic novels*, que fazem parte de um formato completamente diferente. São histórias completas, com começo, meio e fim, que não se atém a informações e cronologia, além disso. Leitores que ingressam nos quadrinhos podem dar a preferência às *graphic*, uma vez que não precisam se comprometer em ler em cronologia. Exemplos de *graphic novels* famosas são *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons e *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller. Também são caracterizados como quadrinhos que levam, em média, de seis a oito meses para serem finalizados, tanto pela produção, quanto por sua narrativa (ANDRADE, 2011).

Ligado à leitura das histórias em quadrinhos, deve-se constar que devido às novas tecnologias, o trabalho de expressão acaba se tornando cada vez mais difícil, assim como também é sabido que o hábito de leitura dos jovens e adultos não é muito recorrente. Parte dessa

¹⁸ O Cânone, dentro das histórias em quadrinhos, segundo Andrade (2011, p. 20), significa “o universo que envolve os acontecimentos internos da diegese da história. Ele inclui conteúdos de todos os tipos de mídias, desde que autorizados e publicados pelos próprios criadores. Por exemplo, tudo que já foi publicado pela *DC Comics* faz parte do cânone geral. O cânone existe em séries de televisão, filmes, livros, quadrinhos e qualquer tipo de história que movimente discussão de fãs. Diferentes títulos publicados simultaneamente podem ter cânones diferentes.”

ausência da leitura vem da habilidade que não é explorada durante as séries iniciais, e por conta da vida corrida da atualidade.

A leitura tem assim uma importância crucial. Além de proporcionar os sentimentos e vivências de outros como se fossem nossos (empatia), também aguça a criatividade, o pensamento, a habilidade na escrita, contribuindo para nossa evolução intelectual. Faz parte da interação social, assim como das práticas sociais. Inicialmente, a influência das HQs em jovens era vista de maneira nociva. Estudiosos, críticos e educadores escreveram artigos contra a onda de histórias em quadrinhos, acreditando que tal leitura seria prejudicial para o intelecto dos jovens da época. À medida que o tempo foi passando, foi-se provando que esses mesmos estudiosos e contrários às histórias estavam enganados quanto à carga e influência de sua crítica. Hoje, as histórias em quadros são recomendadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), assim como reconhecidos como forma de alfabetização de crianças, despertando o hábito da leitura em crianças e jovens por meio de sua leitura ágil e colorida, também estimuladora a outros tipos de leitura. Os PCNs de Língua Portuguesa, no que se referem ao uso dos quadrinhos pelo profissional docente, permitem a reflexão e a compreensão do uso desse gênero no trabalho com a leitura em sala de aula, particularmente nas de Língua Portuguesa. Para Rezende (2009, p. 126), as HQs são “[...] obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor.”

Como meio de manter um padrão entre as histórias em quadrinhos, evitando manifestações negativas, foi criado o código moral das histórias em quadrinhos, que rege assim as editoras especializadas e sendo destaque do código brasileiro, segundo Cirne (1970, p. 11):

- a) as histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos, e exaltação das virtudes sociais e individuais;
- b) é necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou deem motivo a exageros da imaginação da infância e da juventude;
- c) não é permitido o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça;
- d) os princípios democráticos e as autoridades constituídas devem ser prestigiadas, jamais sendo apresentadas de maneira simpática ou lisonjeira os tiranos e inimigos do regime e da liberdade.

A construção de leitores críticos é outro ponto positivo atribuído às HQs. Embora cheias de imagens, as histórias levam seus leitores a criarem o gosto pela leitura, incentivando a explorarem mundos diferentes, fora dali. Em “A contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos”, Silva, R. L. (2011) citando Paiva (2011) acrescenta que:

- a) Os estudantes querem ler os quadrinhos – HQs fazem parte do cotidiano de crianças e jovens e sua leitura é muito popular entre eles. Além de existir uma forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos (Paiva, 2001);
- b) Existe um alto nível de informações nos quadrinhos – as revistas de história em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas [...] (Paiva, 2001).
- c) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura – [...] Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, jornais e de livros (Paiva, 2001).
- d) Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes [...] (Paiva, 2001).

Ainda assim, para muitos, as histórias em quadrinhos podem representar uma maneira infantil (e até mesmo fácil) de leitura, uma vez que envolve diversas imagens, e poucas palavras, se comparadas aos livros tradicionais. A complexidade desse tipo de leitura se encaixa e desenvolve exatamente nessa dança entre imagem e palavras, o verbal e não verbal. Para compreender de modo completo uma história desenhada, é imprescindível o casamento entre a leitura dos “balões”, os quais contêm os escritos que regem as histórias, e os desenhos: os traços que desenharam os cenários, as cores, as roupas e, o que é considerado por mim como peça mais do que fundamental para sua leitura, os rostos, expressões e reações dos personagens. Uma frase pode ter um significado inteiramente diferente do habitual de acordo com a leitura das expressões dos personagens. Só cabe ao leitor identificá-la (Figura 10):

Figura 10 – Frases e significados nas HQs



Fonte: Simone (2008, p. 12).

Devemos reconhecer que a leitura é uma relação de produção de sentidos: metaforicamente, conseguimos visualizar como um tecido bordado, em que o leitor chega a certa leitura com uma parte deste bordado¹⁹ já pronto e, à medida que a leitura progride, vai acrescentando os seus fios próprios. Todavia, não se trata de um produto que é acabado, mas sim que é aperfeiçoado a cada leitura. Sendo assim, uma leitura não se baseia somente naquilo que quem o produz tenta nos passar, nem nas informações fornecidas dentro do texto, mas também daquelas que são uma vez trazidas pelo leitor – leitura que pode ser acompanhada do conhecimento que este tem sobre a sua língua, sobre seu cotidiano, aspectos sociais e culturais, de gênero e tudo aquilo o que pode ou não ser dito.

O preconceito estabelecido de que a leitura de uma história que contém imagens foi impiedosamente quebrada por uma mestranda em Linguística, da Universidade Federal Fluminense (UFF) ao realizar um estudo de campo com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública da região. Silva, C. A. (2011), em seu estudo intitulado “A leitura de histórias em quadrinhos na educação de jovens e adultos”, realizou uma atividade com os estudantes, aos quais entregou quadrinhos com elementos verbais e não verbais, que respeitava a faixa etária, cultura e realidade dos alunos, no intuito de que eles se interessassem pelas histórias. No entanto, foi percebido pela mestranda que os alunos se atentaram muito mais às palavras que eram escritas, em vez das imagens apresentadas:

Os resultados obtidos com esta prática permitiram-nos descobrir que o aluno em contato com uma história em quadrinhos pode, e, em geral, é o que acontece, dar atenção somente ao que aparece escrito, ignorando os detalhes do desenho como as expressões faciais, os pormenores do cenário etc. que muitas vezes dizem mais do que as próprias palavras. Por outro lado, descobrimos que também pode acontecer de o aluno desprezar a escrita que compõe os quadros para deter-se apenas às imagens, realizando, mais uma vez, uma leitura parcial, principalmente quando a imagem tem função secundária em relação à escrita. Ao serem orientados a não perder de vista nenhuma das linguagens que constituem os quadrinhos, os alunos adquiriram novas habilidades leitoras, perceberam que, se, por um lado, a elaboração da imagem mobiliza certo esforço por parte do desenhista, cujo objetivo é o de orientar a compreensão do significado por ele pretendido, por outro lado, o leitor precisa questionar-se sobre o porquê das escolhas de tais e tais elementos icônicos que se

¹⁹ A metáfora sobre o “bordado” remete a obra “Portos de Passagem”, de João Wanderlei Geraldi (1997), em que o autor discorre sobre leitura e produção de sentidos. No texto original, afirma o autor que: “O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado.” (GERALDI, 1997, p. 166)

combinam na imagem: que sentidos podem-se depreender dali, que experiências podem ser postas em auxílio à leitura (SILVA, C. A. 2011, p. 31).

Em outros termos, a autora do estudo chegou à conclusão de que a leitura de histórias em quadrinhos não é mais fácil, bem pelo contrário, requer uma prática de leitura muito maior, que seja capaz de reconhecer traços e formas, dando atenção às imagens e palavras do mesmo modo; além de que, a leitura desse tipo de histórias acarreta novas habilidades de leitura, em forma de aperfeiçoamento.

A variante da criatividade também chama a atenção. Para leitores alfabetizados, a criatividade é despertada quanto à movimentação, à medida que a história se desenrola. No entanto, é interessante que podemos pensar que a leitura de tal material também pode ser feita por analfabetos. Ao apresentarmos uma história em quadrinhos a uma criança que ainda não foi ensinada a ler, ela o fará do mesmo modo – usando somente sua imaginação.

O aspecto cultural também deve ser lembrado quando nos referimos aos quadrinhos, assim como a representatividade, a qual é outro recurso muito abordado, aspecto positivo nas histórias atuais. A partir do momento em que os desenhistas e escritores abordam temas como a igualdade entre homens e mulheres, mostrando que as mulheres não precisam mais ser salvas por super-heróis, que criam uma versão feminina do maior herói nórdico que existe²⁰, assim como estreou o novo Capitão América – desta vez negro²¹ – e que, cada vez mais, colocam a representatividade negra em seus quadrinhos, suas histórias passam a ter novo significado para seus leitores: a de que seguimos todos a mesma jornada, independentemente da cor, raça, sexualidade ou gênero. Por se tratar de uma cultura de massas, com leitores em todas as partes do mundo, a representatividade é um tema muito importante, uma vez que promove a igualdade e conscientização ao público mais conservador.

O fator mais importante dessa equação que são os quadrinhos é, sem dúvida, a formação e consciência ética e moral que as histórias passam. Os quadrinhos de heróis não servem somente como fantasia, mas também para nos lembrar de que até mesmo os heróis têm dilemas humanos – assim como sua humanidade faz parte de suas virtudes e características heroicas. Weschenfelder e Kronbauer (2010, p. 2) assinalam que os heróis vêm aos seus leitores com discursos de ética, não sendo apenas meras histórias ingênuas sobre pessoas fantasiadas:

²⁰ Referência a Thor (Marvel), que ganhou sua versão feminina em 2015, sendo Jane Foster a nova Deusa do Trovão.

²¹ Marvel anunciou o feito em 2014, juntamente com a versão feminina de Thor, durante a *Comic Con* (evento exclusivo sobre cultura Geek) de 2014. O Falcão (grande amigo de Steve Rogers, o Capitão) toma o lugar do parceiro.

Elas apresentam no seu enredo vivencial uma série de questões, de suma importância, com as quais os seres humanos “normais” se defrontam na vida cotidiana. Desde questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, até às que se referem às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino e ao sentido de nossa vida, passando ainda por aquilo que pensamos da ciência e da natureza, pelo papel da fé na aspereza deste mundo, pela importância da amizade e o significado do amor, bem com à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem, o comedimento, a prudência, dentre outros temas. Talvez seja por essa razão que tantas pessoas se prendem ao universo dos super-heróis, dando-lhes essa massiva audiência.

A importância de uma HQ, para muitos, pode ser muito difícil de ser explicada, ou mesmo teorizada. Em diversos casos, as histórias adentram as vidas das pessoas de maneira incomparável. Ler essas narrações e conhecer esses personagens que nos são apresentados de maneira tão viva em desenhos são capazes de transformar vidas: fazem de muitos as pessoas que são hoje. Os quadrinhos não são meramente traços e balões perdidos ao longo do caminho: são educadores, facilitadores da ligação entre todas as artes – sendo elas cinema, teatro, artes plásticas, animação, séries. E, o mais importante na minha concepção: a literatura como conciliadora entre o real e o imaginário.

3.1 A representação feminina: precisamos ser salvas?

A maneira como a mulher é retratada dentro das histórias em quadrinhos é um fator de muita repercussão mundial, uma vez que a indústria de filmes Hollywoodiana jogou seu holofote em cima disso. Embora a representatividade feminina seja um ótimo ponto de partida para chamar atenção para as mulheres dentro de um universo majoritariamente masculino, ainda há muitos problemas a serem resolvidos e questões que causam desconforto a nós, leitoras desta seção. Segundo informações de Schenker (2014), 46% dos consumidores de quadrinhos, livros e filmes dos Estados Unidos são mulheres – e quando o assunto passa para quadrinhos femininos, o percentual de leitoras chega a 62% –; chegando, assim, a conclusão de que o número de leitoras de histórias em quadrinhos aumentou significativamente nos últimos anos, quase se igualando ao número de leitores homens. De acordo com Mc Cloud (2015 apud TAVARES, 2015)²², “estamos presenciando uma mudança na demografia de leitores e criadores, tanto que acredito que dentro de oito anos veremos uma maioria feminina tanto na indústria de quadrinhos, como entre os leitores de HQs.”

Embora os números devessem chamar a atenção da indústria que tanto objetiva as mulheres, não é bem isso que ocorre. Devemos ressaltar aqui que as mulheres têm papel ativo

²² Informação originalmente publicada na revista Time, em 1 de maio de 2015. Tradução de Arthur Tavares.

na indústria dos quadrinhos desde o século 19; sendo uma das primeiras desenhistas e roteiristas de quadrinhos a americana Jackie Ormes (CONTAIFER, 2016). A primeira super-heroína – que chegou a ultrapassar a Mulher Maravilha em vendas, na época, foi uma criação de June Tarpé Mills e se chamava *Miss Fury*, ou Mulher Pantera, no Brasil. Citando trecho de entrevista de Deodato Jr, profissional brasileiro de história em quadrinhos, Abraão (2014, grifo do autor) ressalta:

Deodato resgata a ideia que os heróis das décadas de 30 e 40 eram inspirados na mitologia grega, sempre altos, fortes, viris, representantes da masculinidade. Já a mulher começou desde sempre como uma donzela em perigo, frágil, como as namoradinhas de Flash Gordon e companhia, ou senão como uma *femme fatale*, sexy e terrível, como viria a ser a Mulher-Gato, por exemplo. “A diferença é que, mesmo ambos os gêneros tendo sido objetificados ao longo dos anos, a mulher era normalmente vista como figura frágil, que precisava ser resgatada pelo herói. Foi nos anos 90 que a mulher, em geral, passou a ter mais poder nos quadrinhos, deixando de ser a ‘donzela em perigo’ e passando a lutar em iguais condições à dos homens”.

Para início de debate, o que seria a objetificação feminina dentro dessas histórias? A objetificação se trata de representar mulheres, ou sua presença dentro das histórias apenas como símbolo sexual – um corpo – sem contar seus aspectos emocionais, psicológicos e ideológicos. O que muito ocorre dentro dos quadrinhos de super-heróis. Lima (2016), em artigo publicado na revista online Politize, sobre a objetificação da mulher, define que “quando falamos de objetificação do corpo feminino estamos nos referindo à banalização da imagem da mulher, ou seja: a aparência das mulheres importa mais do que todos os outros aspectos que as definem enquanto indivíduos.” Exemplos como o de propaganda de cervejas, que apresentam mulheres seminuas ou com pouquíssimas roupas provam que a mulher como objeto, como corpo, como produto vende.

Embora os avanços do feminismo sobre os direitos femininos, a objetificação é ainda um problema existente, resultante do patriarcado: é visto ainda o corpo da mulher como fonte de desejo, assim como objeto, que serve para o prazer do homem.

Como Lima (2016) afirma, tal problema causa danos às mulheres, tais como a auto-objetificação, e o que é muito recorrente, a estereotipação:

Uma vez que o julgamento inicial de uma pessoa se dá pela aparência, existe uma expectativa do que é bom ou ruim, certo ou errado e, conseqüentemente, a exclusão e depreciação de mulheres que não atendem a esses padrões. Muitas vezes, vemos em ambientes familiares ou profissionais mulheres sendo hostilizadas pelo seu peso, altura, cabelo, depilação, formato de corpo e demais atributos físicos.

Intensificando um pouco mais o debate sobre estereótipos, temos um grande fator de muito peso para a maneira como a mulher enxerga a si mesma e a outras: a mídia. Podemos dizer que os ideais de beleza, corpo, estilo e comportamento são ditados diretamente por esta, de forma que todas nós estejamos apenas enclausuradas dentro de tais ideais, mesmo que inconscientemente:

Além disso, muitos dos padrões de beleza femininos são formados a partir do espelho que a mídia dita como o socialmente aceito. Ela afeta a forma como a mulher se enxerga. São as propagandas que ditam o que a mulher vai vestir e como ela vai se portar. Foi o *Journal Of American Culture*, de 1982, que revelou que o ato de depilar as axilas e as pernas foi projetado por uma campanha de marketing. Com o objetivo de vender mais lâminas de barbear e com a ajuda da moda da época—blusas sem mangas—, eles lançaram uma campanha que foi um tremendo sucesso. Aos poucos, a depilação feminina se tornou obrigatória, e a mulher que não seguia essa tendência era e ainda é relacionada a alguém sem higiene e feminilidade. (CÂMARA, 2016)

Levando o exemplo para os quadrinhos, dispomos a capa da revista da Mulher-Aranha, de 2014, que mostra a personagem com o corpo arqueado, de modo que sua pose ficasse extremamente sexy. Ao compararmos a pose em que a personagem foi desenhada com sua versão masculina (Figura 11), em uma pose aproximadamente igual, observamos: o Homem-Aranha se encontra agachado sobre uma bola de criminosos, com as pernas levemente afastadas, de modo que a posição não pareça provocativa, enquanto a personagem feminina está com as costas arqueadas, com o bumbum propositalmente para cima, dando a impressão de que a escalada do prédio está sendo mais uma escalada sensual, como nenhum outro herói de verdade seria capaz de fazer.

A capa gerou uma sucessão tão grande de reclamações que a própria indústria responsável pelo quadrinho, a Marvel, escreveu uma nota a seu público, com um pedido de desculpas.

Figura 11 – Comparação entre Mulher-Aranha e Homem-Aranha



Fonte: Legião dos heróis (2015).

A representação só nos prova (mais uma vez) que a objetificação é um assunto sério que não deixou de existir por mais mulheres estarem inseridas na indústria dos quadrinhos – tanto como leitoras, ou como roteiristas e desenhistas. Mulheres e homens nos quadrinhos *não* são representados de maneira igual.

Criada em 1942 e com a premissa de trazer um novo olhar sobre as mulheres dentro dos quadrinhos, a Mulher Maravilha – na opinião de muitos críticos e leitores de quadrinhos – acabou se tornando vítima do desejo masculino. No início, Diana Prince veio ao mundo com um traje mais apto à luta, usando shorts. Todavia, à medida que a personagem alcançou uma cadeia maior de fãs, suas vestimentas foram questionadas pelo público dominante dos quadrinhos – os homens. Foi assim que os diálogos da Mulher Maravilha sobre empoderamento foram diminuindo, acompanhado de suas roupas. O crescente número de leitoras de quadrinhos faz com que a indústria preste mais atenção a seus receptores e se sensibilize com a causa. Exemplo disso é a nova versão do Thor, feminina; assim como o Homem de Ferro e a versão feminina dos Vingadores.

Em 2014, foi anunciado pela *Warner Bros* um número exorbitante de novos filmes dos mais famosos super-heróis da DC Comics – dentre eles, o da Mulher Maravilha. Gal Gadot, modelo e atriz israelense, foi a escolhida pela produção para dar vida a mulher mais poderosa

do mundo. A atriz, que exibe um físico enxuto e que, como ex-modelo, mede 1,78m²³, foi duramente criticada nas redes sociais por ter um corpo “magro demais”, “anorético” e “sem músculos”. Sobre as críticas, a atriz rebateu:

Eles disseram que eu era muito magra e que meus seios eram muito pequenos [risos]. Tenho muita sorte de que nada na minha vida foi instantâneo. Quando era mais nova, levava as críticas muito a sério. Mas agora a maior parte me diverte. As verdadeiras amazonas tinham apenas um seio para não atrapalhar na hora de usar o arco e flecha. Então não será como uma verdadeira amazona. Nós sempre tentamos fazer todos felizes, mas não podemos agradar a todos. [As críticas] são apenas conversa vazia. Entendo que parte do que estou fazendo significa ser exposta. E parte de estar exposta significa estar sob fogo (BRIDI, 2015).

Figura 12 – Gal Gadot como Mulher Maravilha (2016)



Fonte: Glamour.com (2016).

A maioria dos seus críticos da internet apontava o fato de Gal não ter seios, coxas e bumbum suficiente para o papel, ignorando completamente seu potencial artístico. Para os

²³ Informações precisas do <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/saiba-quem-gal-gadot-nova-mulher-maravilha-18967505>>. Acesso em 6 fev. 2017.

leitores de quadrinhos (e também aos não leitores), a contribuição para o que seria uma “boa atriz” para o papel da Mulher Maravilha levava em conta o tipo físico deixando a atuação e a carga profissional de qualquer atriz para trás. Diferente do que muitos pensavam, Gal mostrou estar mais do que pronta para o papel. Sua primeira aparição como a heroína foi em *Batman Vs Superman* (2015). A maioria dos fãs de quadrinhos classificou o filme como mediano/ruim, destacando só um item que realmente deu certo no filme: a Mulher Maravilha de Gadot.

Uma ideia criativa criada em uma rede social chamada *Tumblr* (e que deve ser digna de nota) para mostrar como as mulheres nos quadrinhos são, em sua maioria, sexualizadas e colocadas em situações desconfortáveis se chama *The Hawkeye Initiative* ou o “Iniciativa Gavião Arqueiro” que consiste em substituir as personagens femininas das HQs em poses sexys pelo personagem da Marvel, Gavião Arqueiro ou em outros personagens dos quadrinhos. As representações se tornam hilárias, mas sabemos que (embora o humor), quando a representação é passada para um personagem masculino, a gravidade da maneira que nossas heroínas são desenhadas é gritante (Figuras 13 e 14).

Figura 13 – Substituição da personagem feminina pela imagem do Gavião Arqueiro



Fonte: Tumblr (2015).

Figura 14 – Substituição de personagem feminina para masculina

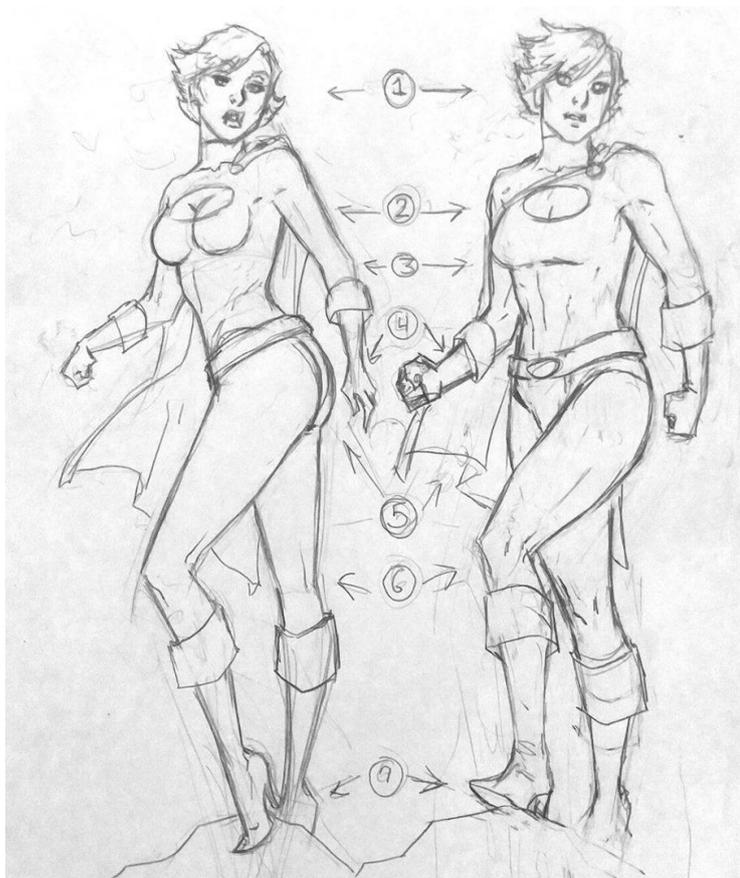


Fonte: Tumblr (2015).

Há meios de não sexualizar as mulheres nas histórias em quadrinhos, como fala a quadrinista da DC Comics Renae de Liz em entrevista à Soares (2016) da Superinteressante (2016). Segundo a quadrinista, há algumas medidas que podem ser adotadas para a não sexualização das personagens dos quadrinhos. Algumas das sete dicas reveladas (Figura 15):

- a) As personagens são, em sua maioria, desenhadas com olhos cerrados e lábios abertos: um indício de sensualidade. Uma dica para acabar com isso é tentar fugir desse padrão;
- b) Os seios também são um dos indícios de sensualidade. Sempre desenhados grandes e saltados, o ideal é desenhar tops, de forma a ser mais prático para uma heroína;
- c) Desenhar mãos e braços com firmeza;
- d) Enquanto a maioria das heroínas são retratadas com a parte de trás para a frente (o bumbum), a quadrinista aconselha uma pose de frente, em pose heroica

Figura 15 – Como é representada a mulher e de como deveria ser



Fonte: Soares (2016).

Há então o debate entre o que é ser sexy nos quadrinhos. Há mulheres que gostam de ver mulheres serem representadas de maneira sexy nos quadrinhos? Sim e também não. Assim como não há nada de errado em mulheres sendo representadas de maneira completamente normal – sem o corpo exagerado, os olhos cerrados e a boca levemente aberta – há também as mulheres que gostam de ver mulheres sexys nos desenhos: por acharem bonitas, inspirações, entre outras. O problema é quando as mulheres são objetificadas a ponto de ser somente algo para mexer com o imaginário masculino, não tendo nenhuma outra função além dessa. “Não há nada de errado com personagens *sexys*. Há algo de errado em colocar personagens femininas como um objeto sexual servindo apenas como um meio para o Herói chegar aonde ele precisa.” afirma Gravena (2015), em uma lista muito reflexiva chamada *10 argumentos ruins utilizados para defender o sexismo nas HQs*. O autor também discute as poses que são encontradas nos quadrinhos, as mulheres são apresentadas de maneira não humanas – tudo em prol de uma bela imagem de seus atributos físicos para o leitor.

A maneira como as mulheres são postas nos quadrinhos é isenta de valores humanos.

Não são vistas como pessoas, munidas de personalidade e ideologias (exemplo da Mulher Maravilha, forte ícone feminista), mas sim como objetos que está ali para o prazer. Prazer este somente masculino, pois ataca a imagem e deixa suas leitoras desconfortáveis com o que é visto.

Trazemos esses problemas com o sexismo nos quadrinhos, e vamos continuar falando sobre, porque a indústria dos quadrinhos tem tratado mulheres ficcionais e reais com dois pesos e duas medidas por décadas. E agora elas estão tentando conquistar seu espaço com igualdade. Os quadrinhos, tradicionalmente, são feitos para uma audiência exclusivamente masculina, e toda essa indústria se formou ao redor disso; agora, com mulheres tendo quase que o mesmo número de homens lendo HQs, elas merecem ser reconhecidas e tratadas com respeito. Porque diversas práticas que antigamente eram consideradas aceitáveis, hoje, não são mais; Porque reconhecemos que as coisas devem mudar, mesmo que para isso seja necessário que as companhias devam se educar e ter melhores personagens e respeitar consumidores do sexo feminino (GRAVENA, 2015. p. 10).

Precisamos continuar acreditando que é por intermédio da problematização e do debate sobre essas questões que faremos com que elas sejam amenizadas, até que, por fim, desapareçam. Assim como é preciso uma inserção maior de mulheres em todos os setores da vida social – seja como *Chief Executive Officer* (CEO) de grandes empresas ou como leitoras de quadrinhos.

4 A DEUSA

Quando eu era jovem, a Mulher Maravilha me encorajou a acreditar que não só eu posso fazer o que um garoto poderia fazer, mas eu também poderia superá-lo. Como Mulher-Maravilha diria a seus inimigos do sexo masculino: “Eu ainda vou rir por último”! Qualquer coisa que você pode fazer, eu posso fazer melhor! “Agora, como adulta, ela continua a inspirar-me a ser um modelo positivo para as meninas”. Algum dia, eu vou ser uma super-heroína também. Gloria Steinem, 1972.

Em um mundo dominado por homens, tanto no real quanto no espaço das representações, surgiu uma heroína de cabelos negros e olhos azuis, munida de um uniforme cheio de estrelas, braceletes e um laço dourado. Inicialmente, Diana Prince – mais conhecida como Mulher Maravilha – causou diversas reações em seus leitores e leitoras, que não eram acostumados a ver uma mulher no poder, dominando situações e não mais em uma posição de donzela em perigo.

O período histórico era inusual, mesmo para o século XX. O mundo se encontrava em guerra, novamente. Dentro da década de 1940, os Estados Unidos – país que possibilitou a ideologia das histórias da Mulher Maravilha – encontravam-se em um período de tensão e patriotismo extremo, enquanto o governo apresentava ao seu povo os nazistas como seus grandes inimigos e tentava de todas as formas reforçar o nacionalismo presente em cada cidadão americano.

Como a guerra havia levado os homens para a área de combate, as mulheres de todas as classes sociais foram convidadas a contribuir com a mão de obra na linha de produção das fábricas e no comércio do país. Em 1941, embora as lutas feministas tivessem ficado em segundo plano, a emancipação feminina seguia, mesmo que lentamente, seus passos. A participação das mulheres na Segunda Guerra suscitou dois acontecimentos significativos para o sexo feminino: a consciência de que a mulher podia exercer atividades dentro e fora de casa, de maneira produtiva, e o surgimento da heroína.

A primeira publicação original da história em quadrinho da Mulher Maravilha foi em 1941. Essa heroína tem suas origens na ilha de Temyscira, na Grécia, pertence à família das amazonas e tem características dos deuses mitológicos: “bela como Afrodite, sábia como Atena, forte como Hércules, e rápida como Hermes” (LEPORE, 2017). Hipólita, rainha das amazonas, desejava ter uma filha e, de acordo com a lenda, como na ilha não habitavam homens, utilizando-se de barro, esculpiu Diana e pediu aos deuses do Olimpo que a dessem vida. Ainda que existam muitas versões sobre o nascimento de Diana, foi esta a que a DC Comics apresentou quando ocorreu o surgimento da deusa, na década de 1940.

O criador da Mulher Maravilha, o psicólogo americano William Moulton Marston, explicou que concebeu Diana por acreditar que um mundo com mulheres era um mundo mais justo e que usou elementos de sua vida pessoal para criá-la. Ele era adepto da poligamia – vivia em um relacionamento com a esposa Elizabeth e com outra mulher, Olive –, e defendia a igualdade entre os gêneros. Foi um dos criadores do polígrafo – o detector de mentiras.

Marston, em entrevista intitulada “Não ria dos Quadrinhos”, publicada em 1940 em uma revista, afirmou que a leitura de quadrinhos poderia ser educacional aos jovens. Além do mais, observou que a indústria dos quadrinhos vendia mais para os adolescentes que os livros didáticos, que as tiras de quadrinhos nos jornais há muito tempo já eram “a bíblia do dia de sábado de mais de 10.000 mil crianças”, mas que, na época, as revistas de histórias em quadrinhos tinham se tornado leitura semanal e, de acordo com ele, jovens nunca haviam estudado seus livros didáticos como liam os novos quadrinhos. Em razão dessa publicação, Max Gaines, cofundador do *All-American Publications*, empregou Marston na função de consultor educacional na *National Periodicals of American Publications* (EVERSON, 2015). Dada essa influência ao psicólogo, ele, por sugestão de sua esposa, resolveu criar uma super-heroína a qual representasse tudo o que as mulheres deveriam ser: protagonistas de suas próprias histórias, triunfando sobre seus inimigos não somente com a força, mas também com o amor.

William fazia parte do time que originou a DC comics, e foi convidado para criar seu próprio super-herói. Por pressão da esposa, acabou inventando uma heroína mulher, inspirando-se em Elizabeth e em Olive. O detector de mentiras, então, virou o “laço da verdade”, os braceletes de Olive se tornaram os protetores de Diana, e a força de Elizabeth foi herdada pela amazona. Detalhe: no começo, a Mulher Maravilha tinha uma série de referências ao sadomasoquismo – o que, junto com a pouca roupa, a estigmatizou por um tempo como um quadrinho “indecente” (D'ANGELO, 2016).

Como já falado, as principais influenciadoras da Mulher Maravilha para Marston foram suas duas mulheres, Elizabeth e Olive. Apesar de viverem em uma época em que o feminismo não estava em seu auge, as duas esposas viviam de maneira independente, o que era muito incomum na sociedade da época. O psicólogo acreditava que Diana deveria representar a independência feminina, assim como a sexualidade, de maneira que viesse a este mundo com o objetivo de combater o mal e educar os meninos para um futuro melhor para as mulheres.

A Mulher Maravilha incorporou a visão que Marston tinha das mulheres: inteligentes, honestas e gentis. Ela possuía grande força de persuasão. Como amazona, tinha habilidade em combates corpo-a-corpo. Ao contrário dos outros super-heróis, a sua missão não era só acabar com o crime, mas também reformar os criminosos e torná-los cidadãos de bem. (COUSTAN, 2008 apud NASCIMENTO JR; PIASSI, 2014, p. 690).

A primeira publicação em quadrinhos da Mulher Maravilha foi na *All Star Comics* de número 8, série de revistas em quadrinhos da *All-American Publications*, em dezembro de 1941. Sete meses depois, em julho de 1942, foi criada uma revista para ela, com suas próprias aventuras. Seu surgimento como heroína rendeu muito aos seus idealizadores, pois conquistou os leitores e leitoras de quadrinhos.

A mulher dentro das histórias em quadrinhos era conhecida ou como donzela em perigo, ou como um tipo mais dependente de mulher que, mesmo com seu trabalho e sua força de vontade, acabava sempre em diversas situações dependente de um homem – exemplo disso é Lois Lane, par romântico do Superman. Em razão da visão do que eram as personagens femininas da época, a Mulher Maravilha foi criada como símbolo nacional para incentivar mulheres a “pegar no pesado” durante a Segunda Guerra Mundial. A personagem revolucionou o meio dos quadrinhos, passou a ser admirada por meninos e meninas, tornando-se mais tarde, ícone da luta de direitos para as mulheres.

4.1 Mulher Maravilha como personagem: uma caminhada ao longo das décadas

Desde o surgimento da Mulher Maravilha, há mais de 75 anos, diversas foram as mudanças da heroína, com o passar do tempo: do cabelo até o corpo; o uniforme, poderes e ideais, entre tantos outros. Cada década representa um tipo de heroína.

Inicialmente, a história que se desenvolvia nos quadrinhos da Mulher Maravilha era dentro de um mundo dividido entre Ares (o deus da guerra) e Afrodite (deusa do amor). Saturada de tanta dominação masculina – na mitologia, os homens vendiam as mulheres por preços ínfimos –, a deusa, utilizando como matéria-prima o barro, decidiu criar uma raça de guerreiras, chamadas de amazonas. Como forma de poder, Afrodite as presenteou com um cinturão mágico, que faz com que elas sejam imbatíveis. Todavia, depois de caírem em uma emboscada de Hércules, a rainha das amazonas, Hipólita, perde o seu cinturão e, em consequência, todo seu povo passou a ser escravizado por homens novamente. Após muito implorar a Afrodite, a deusa restituiu-lhes os poderes e também os braceletes que fariam lembrá-las que nunca mais deveriam acreditar em homens. As amazonas se libertaram, derrotaram seus inimigos e mudaram-se para uma ilha distante²⁴, sem a presença de homens. Com a morte de seu criador, em 1947, diversas mudanças aconteceram nas características da Mulher Maravilha: ela perdeu seus poderes; priorizava roupas e o namorado, Steve Trevor, em

²⁴ A ilha habitada pelas amazonas pode ser chamada de Ilha de Temiscira (ou Themyscira) ou Ilha Paraíso.

vez de lutar contra bandidos; e já não se importava tanto com a emancipação e liberdade feminina.

Para melhor desenhar uma linha cronológica sobre a personagem e como as re(a)apresentações de seus ideais, corpo, beleza, sexualização, enredo e feminismo ocorreram ao longo dos anos e como isso pode ser reflexo da sociedade e da época, assim como pode a ter impactado, foi feita uma divisão por décadas para melhor ilustrar todas essas mudanças e fases da amazona.

4.1.1 Enredo e ideais

Os quadrinhos da Mulher Maravilha já se perpetuam há mais de 75 anos. Durante todo esse tempo, as histórias tiveram diferentes roteiristas e desenhistas, o que acabou mexendo com a identidade conhecida pelos fãs da personagem. À medida que os anos foram passando, pequenas e grandes mudanças quanto ao visual, ao enredo e ao discurso ocorreram dentro das histórias da Mulher Maravilha. Por essa razão, o objetivo neste subtítulo constituiu-se na leitura dessas mudanças em cada década e como isso foi pertinente aos ideais feministas e à construção e ao amadurecimento da personagem ao longo dos anos. Mesmo advindo de um meio cultural de massas, socialmente visto apenas como leitura de lazer, é sabido, inclusive por seu público leitor, que as HQs têm valores ideológicos, estes pensados por seus criadores e colocados no papel como forma de passar novo olhar sobre determinados temas para a sociedade. Para exemplificar:

O que Marston tinha em mente só pode ser objeto de especulação, mas hoje as feministas têm um pouco mal interpretadas a situação, sugerindo que a Mulher Maravilha foi destinada exclusivamente como um modelo que encoraja a autoconfiança na garota. Certamente, esse aspecto foi importante para Marston, mas Mayer sentiu que Marston “estava escrevendo uma revista feminista, mas não para as mulheres. Ele estava lidando com uma audiência masculina”. É um segredo aberto, porém raramente reconhecido, que os leitores da Mulher Maravilha sempre foram predominantemente masculinos (estimativas atingem os 90%) (EVERSON, 2015a).

O ideal da princesa amazona era representar a capacidade que as mulheres têm de lutar por seus direitos, de modo que a mulher pudesse ir muito além do trabalho doméstico. Em seu surgimento, na década de 1940, a Mulher Maravilha foi escolhida mediante um torneio na Ilha Paraíso para ir à América lutar contra o “mal”, com justiça e sabedoria. Pode-se observar que todas as suas armas são defensivas: tanto os braceletes que a protegem de balas, quanto o laço da verdade, que, quando usado em volta do inimigo, obriga-o a dizer a verdade.

As muitas diferenças específicas que foram identificadas no discurso, na entonação e no uso da língua dos homens e mulheres não podem ser explicadas em termos de “duas linguagens diferentes sexualmente específicas separadas”, mas, em vez disso, precisam ser consideradas em termos de estilos, estratégias e contextos de desempenho linguístico. [...] A língua e o estilo nunca são crus e instintivos, mas sempre produto de inúmeros fatores, de gênero, tradição, memória. [...] Os buracos no discurso, os espaços vazios e as lacunas e os silêncios não são os espaços onde a consciência feminina se revela, mas as cortinas de um “cárcere da língua”. A literatura das mulheres ainda é assombrada pelos fantasmas da linguagem reprimida [...] (SHOWALTER, 1994 apud NASCIMENTO JR; PIASSI, 2014, p. 682).

Partindo do preceito de inimiga dos nazistas e aliada dos Estados Unidos, a princesa amazona saiu de sua terra natal somente para ajudar o lado do “bem” e vencer uma guerra. Admirada pelos “simples mortais” ao mostrar suas habilidades e força, atuava com uma força sobre-humana dentro do mundo dos humanos, sempre em modo de ação, aparecendo quando mais precisavam para salvar a todos. Com o propósito de não ser reconhecida, trabalhou como enfermeira da Força Aérea americana durante a Segunda Guerra e, depois, passou a ser secretária de Steve Trevor, espião americano, o qual salvou por diversas vezes. Assume, então, a identidade de Diana Prince durante o seu cotidiano e de Mulher Maravilha quando o mundo a necessita como super-heroína. Steve Trevor representa uma imagem importante dentro das histórias da amazona. Sua participação na vida dela começou quando o avião pilotado pelo espião caiu na Ilha Paraíso e Diana lutou com suas semelhantes em um torneio para ter o direito de ir ao Mundo dos Homens e levar o americano de volta à guerra. Após isso, uma relação amorosa entre Diana e Steve e Steve e Mulher Maravilha se iniciou. Isso porque ele só se sentia atraído pela moça quando ela vestia seu uniforme e não pela identidade secreta. É referenciado por diversas vezes certo desprezo de Steve por Diana e sua completa devoção pela Mulher Maravilha. Mesmo assim, por mais que a Mulher Maravilha da época fosse ligada a ele, suas histórias ainda eram mais independentes do que as das outras mulheres da época.

O primeiro contato de Diana com o Mundo dos Homens²⁵ é um fato que também deve ser considerado relevante. A reação da amazona dentro desse mundo foi de deslumbramento pela sociedade, suas roupas e a realidade em si. A ingenuidade inicial da personagem é um fator muito interessante de modo positivo e negativo: positivo porque mostra a construção da personalidade da heroína desde o início, para uma futura maturação; negativo porque a personagem saiu pelas ruas olhando para vitrines de lojas, observando as roupas, o que traz certa visão estereotipada e ingênua sobre as mulheres.

²⁵ “Mundo dos Homens” é nome dado pelas amazonas para o mundo dos humanos.

Figura 16 - Mulher Maravilha em seu surgimento, 1942.



Fonte: Marston (1942a, p. 20).

A partir da década de 1950, com a mudança de alguns de seus roteiristas, as histórias pararam de ser fortes e idealizadas para se tornarem superficiais e com conteúdo mais banal. Os ideais presentes na década de 1960 na vida da Mulher Maravilha são um tanto quanto diferentes dos anos anteriores. Se na década de 1940 Diana era destemida e forte, alguns anos depois da morte de seu criador, a situação mudou. É relevante destacar que todas as histórias em quadrinhos criam arcos, adaptações e ressignificações de acordo com o histórico-social da humanidade, então, toda a ação das mulheres nas ruas por direitos deveria ser refletido na deusa da *DC Comics*, a qual, na época, era a maior representante de poder feminino dos quadrinhos. A editora tinha a boa intenção de refletir em suas histórias os acontecimentos sociais, todavia sua equipe editorial era formada somente por homens, os quais não tinham conhecimento a respeito do movimento feminista, ou de suas reivindicações, por isso foi preciso consultar especialistas sobre o assunto. Dennis O'Neil pensava que seria melhor retirar os poderes da Mulher Maravilha para criar as “Novas Aventuras da Mulher Maravilha”, fato que dividiu as feministas. Uma parte apoiava a posição da editora porque a personagem não seria mais uma

versão genérica do Superman; já a outra parte era contra por torná-la uma mulher comum e alienada. Por outro lado, tampouco houve muita aceitação do público leitor: prova disso foi o número de vendas, que diminuíram de forma significativa.

Parte da decisão de acabar com os superpoderes da amazona foi por retratar o estado da mulher em sociedade. O ideal americano dos anos 1960 seguia o ideal do pós-guerra: as mulheres, antes tão fortes e numerosas no mercado de trabalho, nessa década voltaram a suas casas para cuidar do trabalho doméstico novamente. Não fazia sentido a força feminina continuar no mercado, uma vez que os homens haviam voltado. A Mulher Maravilha então perdeu seus poderes, assim como aquelas que voltavam ao convívio do lar.

Seus poderes foram retirados e se tornou uma mulher comum, basicamente o que era esperado das mulheres no período pós-guerra, que retornassem ao trabalho doméstico, e sempre submissas ao sexo masculino. Nos anos 60, ela foi despida de seus superpoderes para se tornar uma mulher mortal. Estava preocupada puramente com o “feminino”, usava roupas da moda. Suas botas foram substituídas por sapatos de salto alto com tiras no tornozelo, e seu penteado era totalmente estilizado em um olhar Jackie Kennedy. Ela já não tinha seu avião invisível ou sua cura e poderes especiais telepáticos. Era mais vulnerável agora, mais facilmente enganada e seduzida pelo sexo masculino. Ela parecia ter ficado mais jovem ao invés de mais velha. Tornou-se menos poderosa, quase um espelho do papel da mulher no período pós-guerra. Esperava-se que as mulheres voltassem para casa das fábricas – e da independência para cozinhar, limpar e ter filhos (EVERSON, 2015).

Exemplo disso são os quadrinhos #144²⁶ (Figura 17), os quais mostram uma disputa entre dois homens por Diana, e os quadrinhos #178 e #179 (Figura 18 e 19), de 1968, que trouxeram “A Nova Mulher Maravilha”. No exemplo #144, de fevereiro de 1964, a história corre em meio à disputa de dois homens pela personagem, sendo eles o Rapaz-Tritão e o Rapaz-Pássaro. Percebe-se que nem os nomes dos pretendentes são bem elaborados, bem como toda a ação em busca da mulher desejada. Assim como aconteceu durante a década de 1950, os quadrinhos continuaram a ter um enredo superficial e sem criar muitas expectativas em seus leitores e leitoras. Desse período até o final dessa década, os dilemas na vida da personagem se resumem ao o que vestir e quem namorar.

Nas revistas de número #178 e #179, a tendência se manteve, e ao público foi apresentada a nova Mulher Maravilha. Com a forte onda de figuras femininas no entretenimento da época, a personagem tomou novo rumo nas mãos de O’Neil. Diana passou a ser uma mulher mortal, comum, que se preocupava com namoro, cabelo, roupas e com as coisas mais mundanas possíveis, e em suas lutas utilizava-se das técnicas das artes marciais. A personagem, que usava

²⁶ O formato #144, #178, #179, entre outros, é a maneira usada para contar o número da edição dentro das histórias em quadrinhos. Exemplo: Mulher Maravilha, vol.1, #177; o qual significa: volume 01, número 177.

o cabelo moderno e roupas de cores fortes e acessórios, seguia a tendência da época. Trocou o uniforme de heroína e os poderes pela mortalidade e abriu uma boutique. Estava disposta a abandonar seus poderes (Figura 19) para se tornar uma mortal e levar a vida no Mundo dos Homens como uma cidadã comum, ao lado do amado, Steve Trevor.

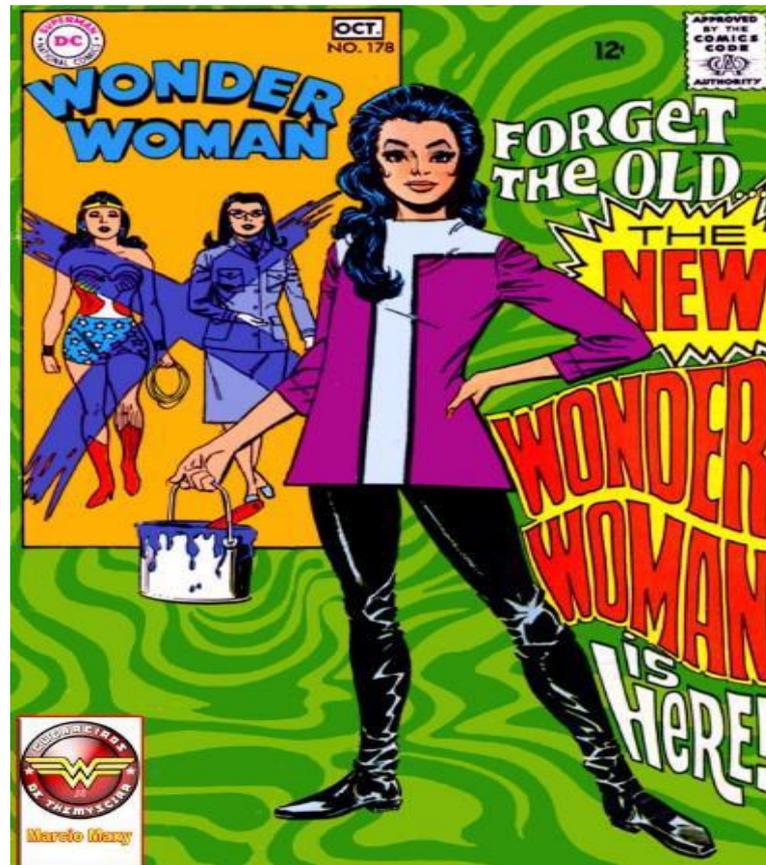
Figura 17 – Mulher Maravilha disputada por dois homens, 1964



Fonte: Kanigher (1964, p. 25).

O quadrinho de número #179 (Figura 19) é bastante interessante, pois mostra a personagem deixando de lado seus poderes pelo namorado. Em um momento da história, Steve Trevor, agente do governo dos Estados Unidos, é chamado de espião por conta de uma armadilha e passa por apuros. Diana, ao ouvir a história sobre a prisão dele, decide o ajudar, porém, é chamada pela mãe, rainha amazona, para ir à Ilha Paraíso, para a qual se direciona. Ao chegar, a mãe informa-lhe que as Amazonas estão saturadas daquele mundo e que, portanto, deverão seguir para outro lugar. Diana precisa decidir entre Steve Trevor nas mãos do governo e abdicar de seu papel como deusa, ou ir com seu povo; a princesa escolhe por deixar as Amazonas.

Figura 18 – Mulher Maravilha perde seus poderes



Fonte: O'Neil (1968a, capa).

Figura 19 – Mulher Maravilha abdica de seus poderes



Fonte: O'Neil (1968b, p. 12).

A década de 1970 foi uma das mais importantes para a reformulação da história da personagem. Em 1972, a revista *Ms. Magazine* – uma das mais importantes revistas feministas da época, nos Estados Unidos, totalmente feita por mulheres – fez uma publicação contendo histórias dos primórdios da Mulher Maravilha, escritas pelo já falecido William Moulton. Com o nome *Wonder Woman Revisited* e publicação editada pela importante jornalista e feminista Gloria Steinem, a revista apresentava “o retorno” da Mulher Maravilha que antigamente era tão famosa entre os fãs: dessa vez escrita por uma mulher, Dorothy Woolfalk, e com seus poderes retomados.

Em 1986 começou nova fase para a heroína dentro do universo editorial da DC. Com a reformulação de vários personagens da editora, a Mulher Maravilha também foi remodelada por seus editores e roteiristas. George Pérez, o então responsável pelo enredo, teve a ideia de dar outro sentido às suas histórias, a partir do seu início. Em fevereiro de 1987, uma nova Diana foi apresentada aos seus leitores e leitoras: dessa vez, sem identidade secreta e agindo como figura pública, em tempo integral, para salvar ao mundo.

Os anos 1990 também trouxeram mudanças significativas na vida da Mulher Maravilha. Se na década passada Diana era uma heroína atarefada, disposta a salvar o mundo e ainda mediar o mundo dos homens, agora a personagem caiu em crise. A década de 90 ficou conhecida dentro da DC *Comics* como a era das crises pessoais dos super-heróis: Batman foi mutilado, Superman morto e a Mulher Maravilha, assim como seus companheiros, foi tirada de seu cargo, o qual fora oferecido a outra amazona de nome Ártemis – uma curiosa coincidência, em razão das raízes mitológicas da personagem –, a qual chamou a atenção dos leitores pela maneira como era desenhada e por vestir o uniforme da Mulher Maravilha. Diana, então, foi transformada em algo muito parecido com a sua era pós-guerra: uma personagem de seios com proporções exageradas, cintura desumana, pernas malhadas e curvas que desafiavam a normalidade.

Figura 20 – Ártemis como Mulher Maravilha



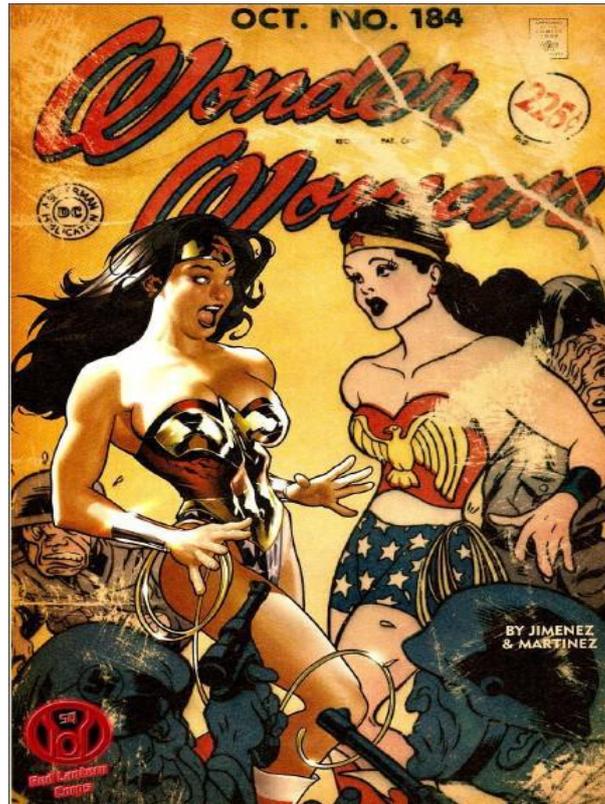
Fonte: Messner-Loebs (1995b, p. 6).

De 2000 até a atualidade, a Mulher Maravilha foi mais uma vez refeita. Todos os heróis dentro do universo da DC passaram por mudanças e ressignificações. Com a crescente demanda de leitoras e as preocupações sociais nos tempos atuais, a heroína está mais atenta ao novo mundo e seu novo público. A meta é trazer os heróis e heroínas para a realidade que vivemos nos dias de hoje, no intuito de aproximá-los de leitores e leitoras que chegam ao universo dos quadrinhos agora. Dentro da década atual, com a nova demanda de assuntos e com a atualidade em constante mudança, Diana não nos decepciona, e continua a acompanhar as mudanças da atualidade. A Mulher Maravilha procura estar de acordo com o seu tempo, aproximando-se de suas raízes.

4.1.2 Corpo, vestimentas e sexualização

Quanto às suas vestimentas, assim como todos os heróis, a Mulher Maravilha passou por diversas fases e maneiras de se vestir, que retratam tanto o estilo da época quanto uma forma de expressão da personagem. “O uniforme do super-herói possui quatro funções básicas: delimita sua identidade de heróis; estabelece sua superioridade e intensifica seu poder; protege as pessoas próximas e as isenta de responsabilidade; e, por último, possibilita sua liberdade e a expressão de sua personalidade” (REBLIN, 2008 apud ANDRADE, 2012, p. 39).

Figura 21 – As mudanças no uniforme da Mulher Maravilha



Fonte: Jimenez (2002, capa).

Inicialmente, o uniforme da Mulher Maravilha apresentava a bandeira dos Estados Unidos e, às vezes, menor do que o de todas as outras personagens femininas existentes na época. Entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, poucas coisas mudaram no uniforme original: ou o short virou saia, ou as sandálias ganharam salto, ou estas viraram botas. Segundo levantamentos de fãs, a Mulher Maravilha mede aproximadamente 1,90 m e pesa 59 kg.

Apesar de ser uma personagem principal feminina, com vilãs femininas e eventuais conflitos amorosos como enredos secundários, Mulher-Maravilha é escrita e desenhada para homens (e normalmente *por* homens). Isso fica claro quando se observam os quadros, sua disposição e os ângulos em que a personagem é retratada. Sua sensualidade e beleza são exploradas constantemente e a personagem é muitas vezes retratada em ângulos que não são anatomicamente viáveis, mas que parecem sensuais e provocativos (ANDRADE, 2012, p. 45).

Originalmente, a Mulher Maravilha era desenhada sem muitas curvas, munida de seu habitual uniforme entregue por sua mãe quando saiu da Ilha Paraíso. As vestimentas de Diana também eram muito diferentes daquelas que vemos hoje nos quadrinhos: um corpo com poucas curvas e uma roupa que lembrava muito a bandeira americana:

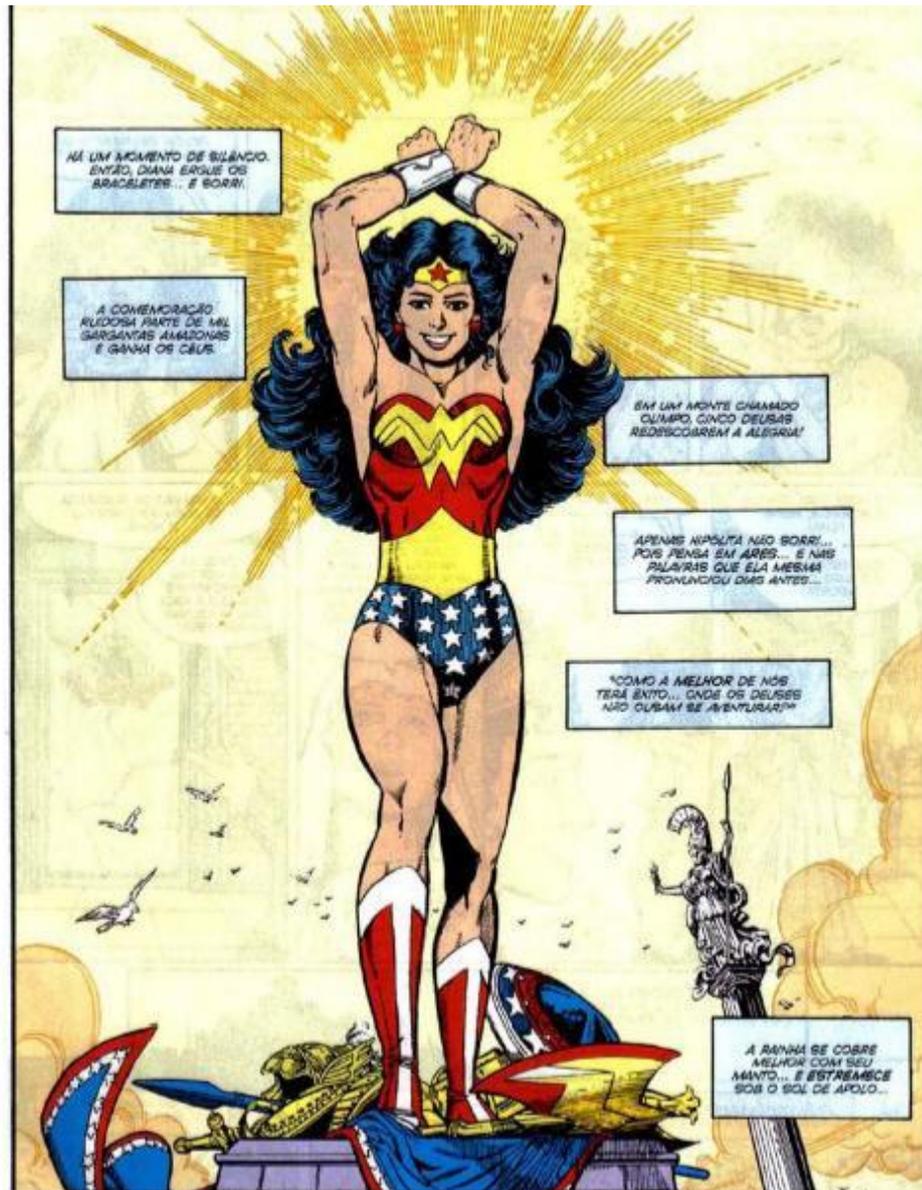
Figura 22– Desenho do corpo da personagem



Fonte: Marston (1942b, p. 3).

Como comentei no subcapítulo anterior, a Mulher Maravilha abriu mão de seus poderes e também de seu uniforme, ficando habituada apenas com o uso das roupas e cabelo da mulher comum de sua época. Mais tarde, com a retomada das rédeas da história original da personagem, que começou com o manifesto de Gloria Steinem (meados de 1970), a Mulher Maravilha voltou a ser maravilhosa com seu uniforme. Na década de 1980, seu uniforme original foi reformulado, mantendo sua base durante anos depois: formado por um corpete e um biquíni azul estrelado.

Figura 23 – Mulher Maravilha, 1987



Fonte: Pérez (1987, p. 33).

Na década de 1990, durante seu período de pós-crise, o uniforme foi novamente perdido – ou melhor, roubado. Isso porque a heroína perdeu o posto de Mulher Maravilha, foi substituída por Ártemis, outra poderosa amazona. A vestimenta original da heroína, durante essa nova fase, foi substituída.

Figura 24 – O novo uniforme



Fonte: Messner-Loebs (1995c, p. 21).

Na década de 2010, a Mulher Maravilha teve seu uniforme mais uma vez reformulado. Em virtude da nova era em que os heróis se encontravam, assim como da necessidade de uma nova reformulação na estética dos personagens, a amazona teve seu uniforme alongado: calças, botas azuis sem salto e uma parte de cima mais coberta; os braceletes e acessórios, antes dourados, agora tinham a cor prata. Esse uniforme tinha mais afinidade com a realidade da personagem: por ser uma calça comprida, botas sem salto, jaqueta e blusa de alças finas. O novo uniforme era incontestavelmente mais apropriado para uma heroína que lutava diariamente contra o crime, sem contar que se tornava mais prático e realista, além de confortável. Todavia, se o objetivo da editora era passar a imagem de que a amazona estaria se tornando menos objetificada, não se pode concordar com isso cem por cento. Embora usasse um uniforme mais coberto, suas curvas ainda ficavam em evidência. A maneira como seu corpo era desenhado no uniforme ainda abria a possibilidade para a objetificação: a jaqueta nem sempre aparecia nos quadrinhos (apesar de ser parte do uniforme novo), sua calça era muito justa, de forma que não era muito mais discreta do que o antigo maiô.

Na edição especial de 75 anos da heroína, publicada em dezembro de 2016, a amazona ganhou proporções diferentes. Dentro da edição, por ser comemorativa, várias histórias foram apresentadas – inclusive uma entrevista com Lois Lane, jornalista do Planeta Diário – com seus habituais momentos de ação. Ainda que o uniforme fosse o mesmo, os desenhistas mostraram ter ouvido os pedidos e reclamações do público da Mulher Maravilha, que exigia uma personagem não tão sexualizada. Como se tivessem seguido o guia de como não sexualizar uma personagem (Capítulo 2, subtítulo 2.1), os ombros passaram a ser mais largos e firmes, o decote ficou apropriado para a veste; o corpo, como sempre, era forte e bem desenhado, mas dessa vez, as poses supersexys munidas de grandes seios ficaram para trás, dando lugar a um corpo mais equilibrado.

Figura 25 – Os traços e corpo da personagem atualmente



Fonte: De Liz (2016, p. 48)

Além da maneira como o corpo é desenhado e o tamanho do uniforme, a premissa para ser heroína dentro dos quadrinhos é o padrão de beleza. Como se trata de um mundo sub-humano, a beleza é inerente às personagens com superpoderes, uma vez que as personagens meramente humanas são retratadas como “mulheres comuns”, ou seja, não portadoras de uma beleza descomunal. Etta Candy, personagem muito presente nas histórias da Mulher Maravilha, é um exemplo disso, assim como Diana Prince, *alter ego* da Mulher Maravilha. Candy é conhecida nos quadrinhos por ser fã da Mulher Maravilha e, mais tarde, também atua como sua parceira na hora de combater o crime. Etta é uma mulher comum, que sempre é retratada nas histórias acima do peso – inclusive, seu sobrenome “Candy”, ou doce em inglês, foi atribuído

a ela por sua adoração em comer doces – e também por se sentir deslumbrada pela beleza da Mulher Maravilha.

Assunto que muitas vezes também é de extremo debate entre admiradores e críticos é o papel sexual que a Mulher Maravilha carrega, que, por alguns, é vista somente para enaltecer a fantasia sexual masculina – e não representar uma mulher de verdade. Conforme explica Andrade (2012, p. 38), com citação de Barcellos (2000):

O olhar imposto pelo artista se reflete na representação das personagens femininas, que costuma ser feita por homens e para homens. Não são modelos com os quais as mulheres conseguem se identificar, porque as personagens femininas “não são uma criação das mulheres, mas uma projeção masculina sobre os modelos reivindicados por mulheres do mundo todo.” (BARCELLOS, 2000).

Figura 26 – A sexualização da personagem



Fonte: PÉREZ (1999, p. 21)

Figura 27 – Mulher Maravilha em posições sexualizadas



Fonte: Pérez (1999, p. 14).

Assim como aconteceu quando ocorreu a nomeação dela como embaixadora da ONU (subcapítulo 4.2.1), um dos fatores de total crítica feita por aqueles que foram contra a nomeação é a sexualização recorrente nas histórias da Mulher Maravilha. Em parte, por culpa de seus desenhistas e do antigo e majoritário público-alvo dos quadrinhos, os idealizadores tendiam a adotar desenhos da personagem com demasiadas curvas e seios em decotes acentuados e em posições desfavoráveis.

Personagens femininas muitas vezes são retratadas, não apenas em momentos de combate intenso, mas em cenas em que elas simplesmente conversam com outros personagens, em ângulos e posições corporais que não correspondem à proposta e nem à função da cena e que não são exatamente um desserviço à continuidade ou fluidez da história, mas cuja função é claramente explorar a imagem sexualizada dessas personagens. Tanto personagens masculinas quanto femininas são retratadas de maneira idealizada, como seres fisicamente perfeitos, mas as personagens femininas são utilizadas para transmitir sensualidade e as masculinas, poder. Num contexto em que se posicionam muitas personagens, tanto masculinas quanto femininas, como capas ou histórias da Liga da Justiça, por exemplo, fica clara a diferença na representação dos personagens. O corpo das personagens femininas é retratado em posturas determinadas por linhas curvas, de maneira a transmitir sensualidade e suavidade. O oposto acontece com os personagens masculinos, que são retratados em linhas retas, para que fique evidente a ideia de rigidez e força (ANDRADE, 2011, p. 50).

E continua:

A representação do corpo feminino nos quadrinhos de super-heróis é sempre motivo de grandes discussões, porque a sexualidade é excessivamente explorada. É inerente às heroínas, e também aos heróis, a imagem da perfeição e o caminho para as representações mais condizentes com a realidade não está em mudar isso, e sim em adequar as representações femininas para que, assim como as masculinas, transmitam poder, força, imponência e respeito, e não sensualidade, sedução e fragilidade. Nesse aspecto da representação midiática, o mais importante seria atingir a igualdade, e não ter uma representação feminina estereotipada com base no olhar masculino. Um dos argumentos propostos, principalmente pela indústria de quadrinhos, a favor da representação feminina como ela é, atualmente, que se uma personagem feminina fosse representada da mesma maneira que um homem, com as mesmas características e mesmo tipo de força, ela perderia a presença feminina, por ser masculinizada. Esse é um argumento que, de acordo com o feminismo Racional, não faz sentido, pois estabelece que características como força e imponência são masculinas e características como suavidade e sensualidade são femininas.

As características imagéticas da Mulher-Maravilha deixam claro que a personagem foi criada e é constantemente desenvolvida para o público masculino. Apesar das mudanças ocorridas ao longo das décadas, ela ainda é considerada mais bela do que a maioria das mulheres e é representada como tal. A mudança no estilo de arte foi significativa, mas a maneira como ela é utilizada apenas reflete o que o olhar masculino de cada época é capaz de produzir com as tecnologias que dispõe (ANDRADE, 2012, p. 55).

4.1.3 Influências feministas

O objetivo deste trabalho, por fim, é o de observar a inserção da Mulher Maravilha dentro da causa feminista: se precursora dentro das histórias em quadrinhos ou como empecilho para seus ideais. A partir deste objetivo, irei analisar alguns elementos expostos em suas histórias, os quais podem provar como a personagem tem condições de incentivar mulheres a serem mais ativas socialmente, assim como independentes, promovendo o empoderamento feminino.

Em qualquer um dos arcos de histórias da Mulher Maravilha, podemos ter relação com as diversas faces do feminismo e como eles aparecem em sua teoria e prática. Consequentemente, a história da personagem passou por altos e baixos desde sua criação até seu momento atual. Com a morte de seu criador, as histórias decaíram, então a trajetória da personagem foi modificada de acordo com a época em que a história ocorria e conforme a concepção de seus roteiristas e idealizadores.

Desde sua primeira edição, William Marston teve a ideia de reunir, em uma seção de quatro páginas no meio da revista, histórias das Mulheres Maravilhas da vida real. Intitulada "Mulheres Maravilhas da história: a biografia feminista", a cada edição uma importante mulher da vida real era apresentada aos leitores e leitoras. Segundo Lepore (2017), em pesquisa feita

para o livro "A história secreta da Mulher-Maravilha", há indícios de que as responsáveis pela publicação mensal da seção fossem Alice Marble, importante tenista da década de 1930, e Dorothy Roubicek, primeira editora mulher da DC.

Como você provavelmente percebeu na própria experiência de vida [...] mesmo neste mundo emancipado, as mulheres ainda têm muitos problemas e ainda não atingiram todo o seu potencial de crescimento e evolução. Mulher Maravilha simboliza a primeira vez que esta ousadia, esta força e engenhosidade são destacadas como qualidades femininas. Isto só poderá ter efeito duradouro sobre a mente daqueles que hoje são meninos e meninas (MARBLE 1942 apud LEPORE, 2017, p. 273).

As mulheres que passaram pela seção de "Mulheres Maravilhas da história" nos anos de 1940 foram cientistas, escritoras, políticas, assistentes sociais, médicas, enfermeiras, atletas e aventureiras; entre os principais nomes encontrados, estão: Sojourner Truth, Abigail Adams, Madame Curie, Evangeline Booth, Lilian D. Wald, Madame Chiang Kai-shek, Susan B. Anthony, Joana d'Arc, Jane Adams, Julia Ward Howe, Hellen Keller, Lucretia Mott, Elizabeth Blackwell, Sarah Bernhardt, Amelia Earhart, Maria Mitchell, Carrie Chapman Catt, Dolley Madison, Sacagawea, Elizabeth Barret Browning, Dorothea Dix, Nellie Bly, Jenny Lind e Fanny Burney (LEPORE, 2017).

Figura 28 – “Mulheres Maravilhas da história”, 1942

Introducing Miss Alice Marble as Associate Editor of Wonder Woman!



Here is ALICE MARBLE, looking over an advance copy of WONDER WOMAN QUARTERLY No. 1!

Miss Marble, who in her youth played sand-lot baseball with Joe DiMaggio, and overcame a serious illness to win the World's Amateur Championship, is considered the greatest woman tennis player of our time! She recently resigned as Assistant Director for Physical Fitness in the United States Office of Civilian Defense, to become Head of Women's Activities of the Special Events Committee of the Navy Relief Society.

In accepting the position of Associate Editor of WONDER WOMAN QUARTERLY, she said:

..... "While I have always liked to read the comics and assumed that most people did, it wasn't until the last year or so, while traveling extensively throughout the country, talking to groups of young people, that I began to realize what a large part comics and comic books play in the life of the average American boy and girl. Wonder Woman being my favorite comic character, I am very happy, indeed, to become associated with it!"

Alice Marble



ANOTHER former world's champion joins Gene Tunney, Jack Dempsey and Alice Marble in endorsing WONDER WOMAN! Here's what Helen Wainwright Stelling, who set a number of world and Olympic records in swimming and diving, a few years ago, writes:

"DEAR MR. GAINES:

I think WONDER WOMAN is one of the most fascinating stories I have ever read. WONDER WOMAN is just what every girl would like to be — strong and beautiful.

WONDER WOMAN'S adventures are thrilling and different. This Amazon girl is so human you can't help loving her! As a swimmer, she is tops; why not have her try her hand at bowling? That's a swell sport that more boys and girls are becoming interested in, every day!

Best wishes to WONDER WOMAN: may she become the personal friend of every boy and girl in America!

Very sincerely yours,
HELEN WAINWRIGHT STELLING

Mrs. Stelling and her husband, Mr. Howard Stelling, a former Army aviator and now a pilot for Eastern Airlines, are both expert bowlers and have won many prizes in that sport also.

WONDER WOMAN No. 1—Summer, 1942 issue. Published quarterly by Wonder Woman Publishing Company, Inc., 225 Lafayette St., New York, N. Y.; Mr. G. Gaines, President; Stephen Meyer, Editor; Alice Marble, Associate Editor. Available as second class matter, pending at the Post Office at New York, N. Y. Yearly subscription in the U. S., \$2.50 including postage. Entire contents copyrighted 1942 by Wonder Woman Publishing Company, Inc., U. S. Patent Office Serial No. 448941, registration pending under act of Feb. 20, 1905. Except those who have authorized use of their names, the stories, characters and incidents mentioned in this periodical are entirely imaginary and fictitious, and no identification with actual persons, living or dead, is intended or should be inferred. Printed in U.S.A.

Fonte: Marston (1942, p. 1).

Inicialmente, nas histórias assinadas por Marston, a percepção que temos de Diana é de deslumbre: era impressionada com a vida na civilização dos homens, assim como com roupas, carros, estilo e com tudo o que o mundo a apresentava. A Mulher Maravilha daquela época, se olhada com olhos contemporâneos, soa como “pouco feminista”, mas devemos ter em mente que os valores feministas da época eram outros. Após ganhar um torneio feito em sua terra natal para ser a escolhida para enviar Steve Trevor de volta ao Mundo dos Homens – que acidentalmente havia caído com o avião que pilotava na Ilha Paraíso – e, à medida que a sua história passa, a Mulher Maravilha vai conquistando seu espaço dentro da história. Ao chegar ao mundo humano, assumiu o papel de enfermeira na Segunda Guerra Mundial; depois fez parte do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos, até ser promovida à Sociedade da Justiça da América. Marston, ao idealizar a personagem, havia traçado toda a história dela: a origem da *Wonder Woman* tinha o objetivo de incentivar a independência feminina, a fim de mostrar todo o poder dos elementos que eram vistos como femininos e fracos pela sociedade. Para chegar a tais objetivos antes propostos, Marston colocou em prática, dentro das histórias, tudo aquilo que acreditava que as mulheres eram capazes de fazer. Um dos exemplos de grandes feitos da Mulher Maravilha em seus primeiros anos de existência foi um protesto contra o leite. Em uma edição da Mulher Maravilha de 1942, a personagem descobre que a Companhia Internacional do Leite havia começado a cobrar preços abusivos no produto, o que estava causando a desnutrição de milhares de crianças nos Estados Unidos. Não satisfeita, a amazona decidiu fazer manifestações – montada em um cavalo branco – contra os abusos da indústria do leite.

Em maio de 1942, no quadrinho intitulado "A moça armada", a Mulher Maravilha se alista para servir a Unidade Auxiliar Feminina do Exército, na qual mulheres poderiam ocupar vagas sem envolvimento em combate, como forma de auxílio; na aventura seguinte, a Mulher Maravilha focava em uma greve; na edição de agosto de 1942, diversas mulheres trabalhavam na rede de lojas Bullfinch, recebendo apenas um salário de fome; já na história em que foi às bancas em setembro de 1942, a Mulher Maravilha combate maridos maldosos, que não permitem que as esposas trabalhem.

Citando Marston, Lepore (2017, p. 266), destaca:

"A bondade mais verdadeira para qualquer mulher", escreveu ele na revista *Tomorrow* em 1942, "é dar a ela oportunidade de autoexpressão em alguma área construtiva: trabalhar, não em casa, com o fogão e a esponja de lavar louças, mas fora, independente, no mundo dos homens e dos negócios."

Como parte de sua história e da história das Amazonas, Diana não pode se casar e sabe como pode ser perigoso se submeter ao domínio masculino. Os roteiristas trabalhavam com

isso no início da personagem, escreveram um exemplar em que a história era acerca do casamento dela com Steve Trevor e sua submissão a ele e acaba perdendo seus poderes por acidente. No final do quadrinho, Diana acorda e percebe que tudo se tratava apenas de um pesadelo horrível.

“Assim como o seu protótipo masculino, Superman, a Mulher Maravilha é dotada de enorme força física - mas, ao contrário do herói, ela pode ser ferida”, Marston prosseguia: “A Mulher Maravilha tem braceletes soldados aos pulsos; ela pode usá-los para repelir balas. Porém, se deixar algum homem soldar correntes a estes braceletes, ela perde o seu poder.” Isso, segundo o Dr. Marston, é o que acontece a todas as mulheres que se submetem à dominação masculina (LEPORE, 2017, p. 271).

Figura 29 – O pesadelo da Mulher Maravilha



Fonte: Marston (1944, p. 16).

A Sociedade da Justiça é um marco importante na “carreira” da Mulher Maravilha por conta da participação dos leitores em sua nomeação. Em 1940, a Liga da Justiça ainda estava longe de existir, então a equipe de roteiristas e escritores da DC criou a Sociedade, que era formada por oito membros fundadores: Joel Ciclone, Falcão da Noite, Espectro, Homem-Máscara, Senhor Destino, Homem-Hora, Lanterna Verde e Eléktron. Além destes, havia dois

membros honorários: Batman e Superman, os quais apareciam nas histórias somente quando a situação era de extremo perigo. A Mulher Maravilha teve sua estreia na Sociedade no verão de 1941, mas somente seis edições depois fora chamada como convidada, uma vez que todos os outros membros da Sociedade resolveram se alistar nas forças armadas. Em 1942, uma pesquisa foi feita entre os leitores da Sociedade da Justiça a fim de saber qual deveria ser o novo super-herói ou heroína a fazer parte da associação. Da votação apurada, saiu um resultado positivo e outro negativo para a personagem: o positivo foi que a Mulher Maravilha havia sido a opção escolhida entre os leitores e leitoras votantes; já o negativo foi referente ao posto que ela ocuparia dentro da Sociedade: o de secretária.

“É surpreendente notar (ou não?) que há pouquíssima antipatia em relação à intromissão de uma mulher no que era um domínio estritamente masculino”. Dos primeiros 1.801 questionários devolvidos, 1.265 meninos e 333 meninas disseram que ‘sim’; 197 meninos e 6 meninas responderam que ‘não’” (GAINES, 1942 apud LEPORE, 2017, p. 258).

Figura 30 – A melancólica participação na Sociedade da Justiça

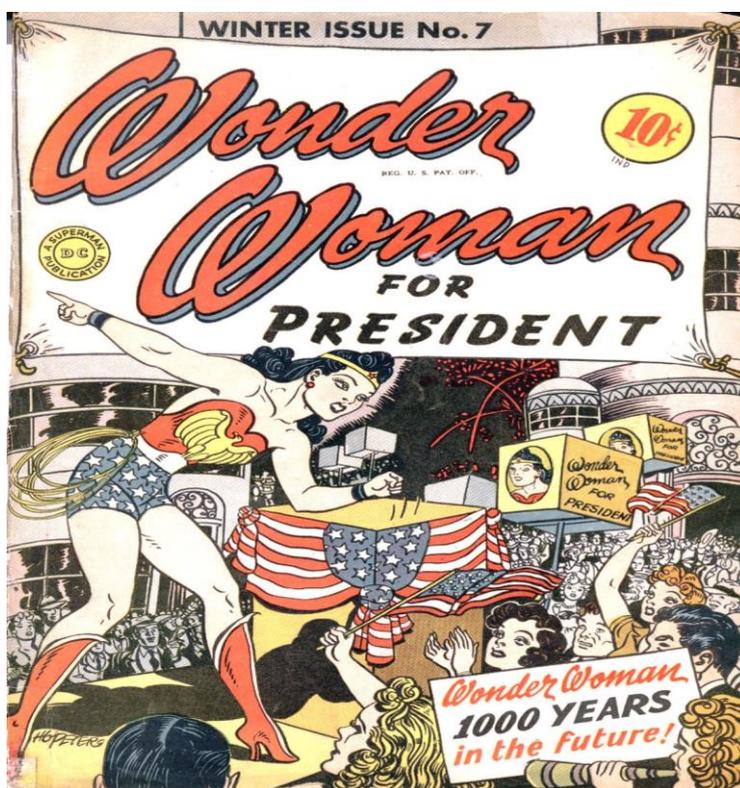


Fonte: Lepore (2017, p. 260)

Se por um lado a promoção não tenha sido muito satisfatória, de maneira histórica, uma mulher, de forma independente, havia sido votada por um grupo de maioria leitores homens para um serviço que também era majoritariamente masculino. Mas, embora agora a Mulher Maravilha fizesse parte da Sociedade da Justiça, seu papel dentro dela não era empolgante. Além de assinar as cartas para os leitores e leitoras, seu papel exclusivo era ficar em sua sede, esperando pelos outros heróis voltarem de suas missões, e exclamando que adoraria ir com eles, com olhos cheios de melancolia.

Historicamente, é datado que a primeira onda do feminismo ocorreu de 1848 a 1920, e a segunda entre 1960 e 1970; mas também não podemos deixar de destacar a onda que se formou em 1940, dentro das páginas da Mulher Maravilha. De presidenta²⁷ a secretária nas horas de disfarce, o que a Mulher Maravilha fazia e seus feitos na sociedade eram atitudes nunca antes alcançadas por nenhum tipo de mulher; era inovador e ousado para o sexo feminino. Entretanto, com a morte de Marston, em 1947, e o final da guerra, muitas das coisas conquistadas ruíram. Muitos dos heróis criados no período de guerra não sobreviveram ao pós-guerra; a Mulher Maravilha, embora continuasse nas bancas, estava irreconhecível pelos seus leitores: agora um fantoche de Steve Trevor, seu maior sonho era o de casar.

Figura 31 – Mulher Maravilha como presidenta



Fonte: Marston (1943, p. capa).

²⁷ A personagem já foi eleita presidenta em uma de suas histórias.

Em 1950, a Mulher Maravilha se igualou à grande massa de mulheres que voltavam para casa após a Segunda Guerra. Como a paz havia retornado ao país, era necessário que as mulheres saíssem do mercado de trabalho, no intuito de devolver o lugar aos homens – caso contrário, enfraqueceriam todo o país. Após a guerra, 60% das mulheres se encontravam no mercado de trabalho, muitas delas lutando para manter o emprego. Infelizmente, pouquíssimas conseguiram tal feito, sendo forçadas a pedir demissão e voltar para casa. Como última saída possível, essas mulheres foram aconselhadas a casar, e as casadas aconselhadas a ter filhos. Por fim, aquelas que foram para as fábricas no período da guerra perderam seus empregos e se transformaram novamente em donas de casa.

A Mulher Maravilha seguiu a mesma condição das mulheres reais: suas histórias não eram mais as mesmas; perdeu seus poderes, virou babá, trabalhou como colunista em uma coluna de conselhos amorosos, teve uma boutique, foi modelo e estrela de cinema; estava louca para se casar com Steve Trevor. A seção "Mulheres Maravilhas da História" foi abolida de suas histórias, dando lugar a uma seção sobre casamentos chamada "Matrimônio à la mode" (LEPORE, 2017).

Com o retorno intenso da segunda onda do movimento feminista a década de 1970, ela ficou conhecida como um divisor de águas para os direitos das mulheres. O presidente Nixon, em 1972, determinou que "pessoa alguma nos Estados Unidos poderá, com base em sexo, ser excluída de participar de, ter negado benefícios de, ou estar sujeita à discriminação da parte de qualquer programa ou atividade que receba auxílio financeiro federal" (LEPORE, 2017, p. 347). A luta pelos direitos das mulheres ressurgia com total potência, assim como a Mulher Maravilha. Gloria Steinem, feminista e jornalista, optou por colocar a Mulher Maravilha na capa da revista Ms, de 1972, com os dizeres "Mulher Maravilha para Presidenta". Para Steinem, o feminismo apresentado pela personagem na década de seu surgimento era estupefato e inspirou milhares de meninas, porém, durante os anos de 1950, foi apunhalada novamente pelo machismo.

Marston morreu em 1947, mas a Mulher Maravilha seguiu em frente. Os novos roteiristas, contudo, não entendiam seu espírito e, assim, ela perdeu parte da orientação feminista. Sua força sobre-humana persistiu, mas ela cresceu em violência. Em vez de provar sua superioridade em relação aos homens, ela ficou cada vez mais submissa (LEPORE, 2017, p. 348).

Para retomar o laço feminista da personagem e trazer toda a sua glória de outros anos, uma renovação estava sendo feita. A DC Comics, em 1971, nomeou Dorothy Roubicek Woolfolk como editora da Mulher Maravilha, com o objetivo de diminuir a violência em seus quadrinhos e devolver o heroísmo de seus primórdios como heroína, assim como a política. De

fato, a publicação da revista Ms. da Mulher Maravilha como presidenta teve um impacto positivo, tanto para a revista quanto para a personagem. O *Los Angeles Times* e o *News York Times*, em 1972, aclamaram a heroína, afirmando que ela era uma ajudante e uma fábula do movimento feminista (LEPORE, 2017).

A saga da Mulher Maravilha em sua nova onda feminista continuou com firmeza: em 1973 foi nomeada "símbolo da revolta feminista", mesmo ano em que o aborto fora legalizado nos Estados Unidos; no mesmo ano, a DC começou a comercializar uma versão especial de libertação feminina escrita por Samuel R. Delany, dividida em seis episódios. Por fim, teve seu uniforme original devolvido, assim como os seus poderes.

Na década de 1980, mais uma vez o movimento travou. Os salários estavam longe de ser parelhos e o que havia sido conquistado até o momento retrocedeu, e as mulheres da indústria dos quadrinhos não conseguiam se estabilizar na indústria, assim como as mulheres de outras áreas do mercado. No início dessa década, George Pérez a assumiu. A personagem voltou a ter os laços estreitos com a mitologia – parte inerente de toda sua criação e formadora de sua ideologia –, o que trouxe uma visão novamente forte e interessante para a personagem e seus leitores e leitoras. Ainda que Pérez tenha trazido um laço forte entre os valores iniciais da personagem – os das origens mitológicas: a ligação com os deuses e as ideologias divinas –, sua caracterização foi bastante positiva nos valores feministas em geral, no entanto não insistiu nesse elemento para reerguer a personagem.

Apesar de ser uma personagem criada para que as mulheres tivessem mais representatividade no mundo dos quadrinhos, nos bastidores, as mulheres custaram a aparecer. Os primeiros anos da Mulher Maravilha foram escritos e desenhados por homens, os quais tinham todo poder de criação em relação à personagem – fato este que nos comprova como a indústria era exclusivamente masculina. Durante os primeiros anos de sua criação, havia poucas, mas existentes mulheres que atuavam como desenhistas na indústria dos quadrinhos, todavia nunca foram convidadas a participar da formação da personagem. Foi só depois de 40 anos de história que a amazona teve a chance de ter mulheres em sua equipe de criação: Dann Thomas como roteirista (em 1983) e Trina Robbins como desenhista (em 1986). A primeira escritora que trabalhou de forma regular dentro da linha editorial foi Gail Simone, em 2008. É importante salientar que não faltou participação de diversas mulheres ao longo dos anos de vida da Mulher Maravilha, mas sem crédito: Olive Byrne, Elizabeth Holloway e Dorothy Woolfolk, as duas mulheres e a secretária de Marston, respectivamente, contribuíram muito durante o início de suas histórias, porém nunca foram creditadas pelo trabalho.

As histórias da Mulher Maravilha fazem ponte com as teorias feministas, pois

apresentam um tipo de ideologia única da personagem. Nas histórias, somos apresentadas a uma legião de Amazonas que, após anos de tortura nas mãos de homens, são apresentadas com uma ilha só de mulheres – a Ilha Paraíso. A ideia de um território feito só para mulheres traz características do feminismo cultural e feminismo lésbico, os quais acreditam que as mulheres podem conviver entre si em uma só nação, formando seu próprio conjunto de leis e valores morais. Ao mesmo tempo, Diana sempre passa a imagem de que as mulheres podem ocupar um lugar igual ao dos homens em um mundo em comum, o que seria o oposto do que essas duas vertentes defendem. A Mulher Maravilha, de certo modo, defende valores vindos do feminismo igualitário e feminismo racional, os quais defendem que, uma vez que eliminemos as diferenças entre homens e mulheres, fortaleceremos a força e presença da mulher. As mulheres devem se incluir dentro de suas culturas, tomando seu espaço igual dentro da sociedade, e não criando uma cultura à parte da cultura dos homens. Diana também pode ser associada a traços do feminismo liberal, tendo em vista que prega a liberdade entre as mulheres, para que tenham atitudes de acordo com suas vontades – corrente a qual tem fortes representantes nos Estados Unidos.

Se fizermos a relação da Ilha de Temyscira como feminismo cultural e lésbico e Diana como uma ponte, representando o feminismo igualitário, podemos interpretar que, em todos os momentos, Diana tenta estabelecer um intercâmbio entre os dois mundos, e as duas maneiras de ver a questão de gênero. Ela luta por um mundo onde a estrutura patriarcal possa ser mudada de maneira mais pacífica e igualitária.

Outro setor que é muito revisitado durante toda a trajetória da Mulher Maravilha é a sua relação com o amor e a paixão, características estas que são sempre creditadas a mulheres, por acreditar que estas sejam seres emocionais. O feminismo racional afirma que devemos nos afastar dessas características e nos dissociar de qualquer relação que nos leve a ações guiadas por emoções. Se por um lado a característica emocional foi a principal estabelecida por Marston em sua criação, Diana age na maioria das vezes de maneira contida e racional ao enfrentar seus inimigos, sem muitos apelos emocionais ao longo do caminho. Ela, diferentemente do Superman, que se importa com suas regras ao tratar seus inimigos, se importa com as pessoas que está salvando. As emoções que emanam dela advêm da sua humanidade ao tratar de dilemas do seu dia a dia como heroína:

A Mulher-Maravilha não é perfeita nem nunca se propõe a ser. Ela não vê como fracasso uma missão em que salva o universo, mas que para fazer isso tem que matar uma pessoa. Ela sente culpa, ela sente paixão, ela sente amor e amizade. Ela sente. É mais humana que muitos outros heróis que, de fato, são humanos. Diana tem uma presença que inspira o melhor naqueles à sua volta. Ela incentiva as pessoas a se

superarem e serem versões melhores de si mesmas. A mensagem por trás da personagem não é a de que os super-heróis existem para que os meros mortais possam ficar seguros e protegidos de todo o mal. A mensagem da Mulher-Maravilha é que existe a força de um super-herói dentro de cada um de nós e essa força pode ser usada para qualquer coisa, mas que cabe a cada um encontrá-la e usá-la para evoluir (ANDRADE, 2012, p. 71).

A Mulher Maravilha, em quase todo seu período de existência, agiu como companheira do movimento feminista: incentivou diversas mulheres a se tornarem mais independentes e empoderadas; mostrou aos meninos que as garotas são poderosas, mesmo em suas fraquezas; e que apoiar o movimento feminista é uma atitude mais do que digna, é direito de todos.

A Mulher Maravilha foi concebida pelo Dr. Marston para estabelecer, entre as crianças e os jovens, um modelo de feminilidade forte, livre e corajosa; para combater a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens, e para inspirar meninas à autoconfiança e às realizações no atletismo, nas ocupações e profissões monopolizadas pelos homens. Ela não foi criada para ser uma super-mulher; foi criada para ser todas as mulheres (LEPORE, 2017, p. 272).

4.2 A importância da Mulher Maravilha no contexto histórico-cultural

A importância da personagem dentro dos meios sociais é algo significativo e que deve ser considerado. Não somente leitores ávidos de quadrinhos sabem e reconhecem do que a Mulher Maravilha é capaz. Pessoas de gerações distintas, classes e grupos sociais conhecem ou já ouviram falar da princesa amazona. O fato de ter sido criada inicialmente para incentivar as mulheres durante o período de guerra para saírem do domínio doméstico resultou como consequência o seu primeiro papel social: de influenciadora.

Os quadrinhos, durante a crise econômica de 1929, conseguiram atingir a um grande público com suas histórias fantasiosas e cheias de esperança. Sucesso entre os leitores, foram também os responsáveis pela criação dos super-heróis que é hoje, sem dúvida, seu principal marco. Neste mesmo contexto surgiu uma heroína que intensamente utilizada pela ideologia nacionalista da época, foi exemplo para as muitas mulheres que precisavam ocupar o emprego dos combatentes da 2ª Guerra Mundial, a fim de evitar o enrijecimento da economia frente ao conflito. A Mulher-Maravilha em sua origem serviu, antes de mais nada, como propaganda ideológica do Estado e mostrou ao mundo a imagem da nova mulher norte-americana, forte, independente e capaz de superar as adversidades, mas acima de tudo, mulher (CAIXETA, 2012, p.10).

A propaganda funcionou, pois as mulheres foram para todos os meios de trabalho disponíveis na época: fábricas, comércio e até para a indústria armamentista. Ao mostrar a mulher com características diversas das habituais vistas pela sociedade, os idealizadores e propagadores da heroína jamais poderiam imaginar que ela fizesse tanto sucesso como o fez. Diana Prince trouxe a muitas garotas uma maneira de enxergar tudo aquilo que a mulher é capaz.

A Mulher-Maravilha funciona justamente por caracterizar a mulher de uma forma até então desconhecida. Ao invés de frágeis e indefesas, uma heroína capaz de superar qualquer adversidade com força, inteligência e beleza. O papel de “Amélia” é abandonado em favor da mulher do futuro da América e, nas primeiras histórias, fica clara a propaganda ideológica ao introduzir a heroína justamente no conflito (CAIXETA, 2012, p. 10.)²⁸

Já para o professor Reblin (2016), conforme Marino (2016, grifo do autor) do site Minas Nerds, a personagem se mostra sim como ícone da cultura feminista, e assim com grande importância social e cultural para aqueles que a leem:

Enquanto bens culturais, os super-heróis e as super-heroínas são fornecedores e fornecedoras de sentido. Traduzem um conjunto de valores que são expressos em suas falas e em suas ações. As histórias das personagens da superaventura têm ocupado, frequentemente, o lugar que outras narrativas ocuparam (e ainda ocupam) em nossas vidas, como as sagas bíblicas, os mitos, as histórias de ficção, as estórias e os causos que nossos avôs, nossas avós compartilharam, no sentido de fornecer exemplos de atitudes, de ideais a serem almejados, influenciando na construção de identidade, no senso de coletividade e na percepção de mundo. Claro que, se considerarmos essas histórias como produto de massa vinculado a uma indústria cultural e todas as implicações correlacionadas, esses exemplos de atitudes e ideais podem ser questionados e avaliados criticamente. No entanto, isso não muda o fato de que os super-heróis e as super-heroínas hoje têm se tornado modelos de comportamento e expressão de nossos ideais e visões da realidade. Seu papel consiste em ser simultaneamente uma válvula de escape e um símbolo ora mais, ora menos difuso que pode orientar nosso caminhar.

A Mulher Maravilha da atualidade traz a representação feminina dos cinemas até a indústria dos quadrinhos; também atenta para problemas socialmente relevantes como a imagem que a sociedade tem das mulheres e o protagonismo feminino na vida social; evidencia para aquelas que lutam pelo feminismo que é possível ser símbolo importante para o movimento, trazendo ideais de que o amor pode ser um meio de combate muito mais eficaz do que a força bruta. A própria Gal Gadot, atriz que dá vida a amazona nos cinemas afirmou em entrevista recente: “Para mim, é importante que homens, mulheres, meninos e meninas possam se relacionar com ela (Mulher Maravilha), especialmente minha filha. Quero que ela veja que as mulheres também podem ser super-heroínas. Quero que ela acredite que tudo é possível.” (RUSSEL, 2016).

4.2.1 A nomeação na ONU

²⁸ O autor colocou nota de rodapé para explicar o termo Amélia: “Estereótipo da mulher submissa, resignada e voltada exclusivamente para os afazeres domésticos.”

No ano de 2016, a Mulher Maravilha comemorou seu aniversário de 75 anos e, em virtude disso, a mídia deu visibilidade muito expressiva a ela: teve sua aguardada aparição no filme *Batman VS Superman* (2016), sendo considerada pela grande maioria do público e dos críticos a melhor parte do filme. Além do destaque causado pela participação no filme, foi anunciada a estreia de seu filme solo em 2017 e também foi comunicado que a Organização das Nações Unidas (ONU) escolheu a heroína da DC para ser a Embaixadora Honorária para a Meta 5 de Desenvolvimento Sustentável pelos próximos dez anos. A ONU justificou a escolha da personagem pelo empoderamento que ela representa e pode vir a representar para diversas garotas. Essa escolha também ressalta a simbologia de representação e a intensidade que a amazona mostra por meio de suas ações para a igualdade de gênero, manutenção da paz e pela luta por justiça. A Meta 5 de Desenvolvimento Sustentável da ONU para os próximos dez anos com a personagem atentam para:

- a) Denunciar discriminações contra mulheres e meninas
- b) Se aliar a outras pessoas contra violências e abusos de gênero
- c) Apoiar efetivamente e totalmente a participação e as oportunidades para as mulheres em papéis de liderança em todas as esferas, incluindo locais de trabalho
- d) Garantir que todas as mulheres e meninas tenham acesso à educação de qualidade
- e) Compartilhar exemplos de mulheres reais que fazem a diferença todos os dias (MARINO, 2016)

Reblin (MARINO, 2016, grifo do autor) destaca cinco pontos sobre o possível significado dessa escolha:

1° Escolher a Mulher Maravilha como um ícone significa assumir um símbolo de poder num exercício de empoderamento. A Mulher-Maravilha é um símbolo de poder, de poder da mulher. Mesmo que haja uma ambiguidade e, inclusive, uma contrariedade nos enfoques em quase 80 anos de histórias [...] há certas convenções primárias em torno do mitema de suas histórias que perduram ao longo dos anos, de modo que, dentro dessa ambiguidade, seja possível identificar e reconhecer a Mulher-Maravilha como símbolo de poder da mulher.

2° Escolher a Mulher-Maravilha como um ícone significa construir uma representatividade pública e cultural. Isso significa que, em termos quantitativos, as mulheres sempre foram coadjuvantes nas histórias ou dependentes de narrativas masculinas. Nessa direção, essa representatividade significa uma reivindicação de protagonismo, assumir as rédeas da história e ser sua protagonista, considerando igualmente o impacto que uma personagem como a Mulher-Maravilha possui na vida social cotidiana e no imaginário comum.

3° Escolher a Mulher-Maravilha como um ícone significa assumir um **norteador na construção de identidade de adolescentes** (meninas e também meninos) e mulheres, como uma alternativa a Barbie e as Princesas da Disney [...].

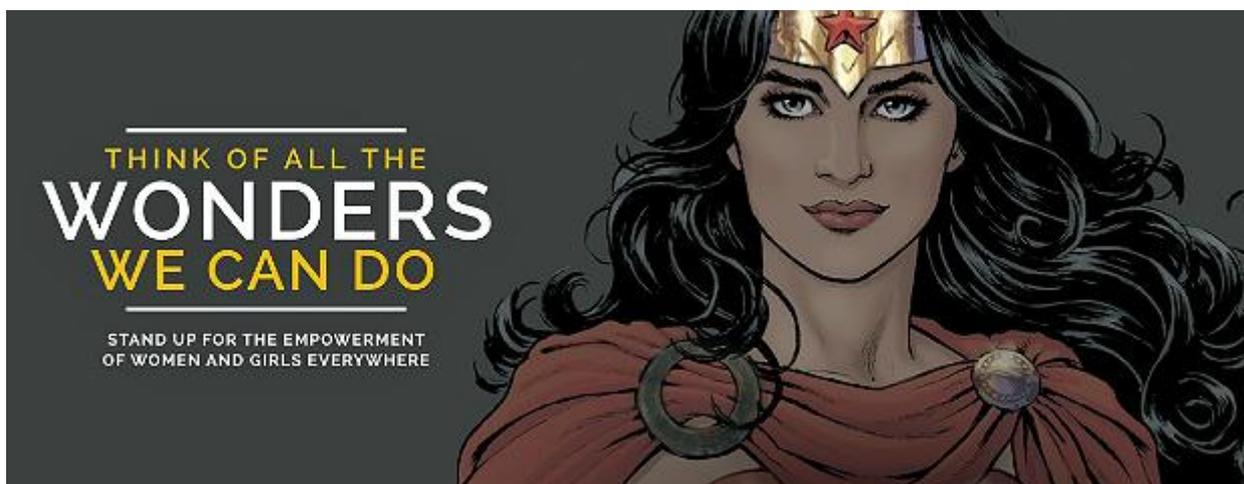
4° Escolher a Mulher-Maravilha como um ícone significa assumir valores específicos como Verdade, Justiça e Igualdade, que estão articulados e intrinsecamente vinculados aos anseios de uma transformação social, cultural e política. A premissa do mito da Mulher-Maravilha remete a uma heroína estranha ao mundo (ela vem de fora) que enxerga a violência machista e se propõe a desconstruí-la, lutando por uma nova

ordem social. Esse movimento está intimamente relacionado à luta por direitos de igualdade.

5º Escolher colher a Mulher-Maravilha como um ícone não significa (ou não deve significar) ignorar que o movimento feminista é plural e que vai se permanecer crítico também em relação à Mulher Maravilha. [...] O que quero dizer é: Nem todas as mulheres se sentem (e não precisam se sentir) representadas pela Mulher-Maravilha. O movimento feminista é plural e contestador e sua luta política vai além da tensão entre igualdade entre homens e mulheres, ou, melhor dizendo, a luta pela igualdade entre homens e mulheres vai além do binômio, envolvendo outras esferas e outros conflitos sociais.

O ponto mais importante dos cinco objetivos da nomeação é o empoderamento feminino; mas, acima de tudo, a conscientização por parte das mulheres do mundo todo de que são capazes e merecedoras de exercer e estar em diversas áreas e funções na sociedade; também é preciso destacar a relevância de haver uma irmandade entre as mulheres, denunciando abusos, relacionamentos abusivos e opressões. Assim como meio de suporte, exercer a sororidade: mulheres apoiando umas às outras, admirando outras mulheres e deixando rivalidades construídas socialmente de lado.

Figura 32 – Chamada da ONU para a nomeação da Mulher Maravilha (2016)



Fonte: Daqui Dali (2016)

A nomeação da ONU foi vista por muitos como adequada, de maneira que a ONU havia criado cadernos de histórias sobre a Mulher Maravilha, junto com pôsteres e materiais propagadores da heroína e dos objetivos firmados pela organização. Por outro lado, essa nomeação sofreu forte repreensão por pessoas as quais afirmaram que deveria ser dado o posto a mulheres de carne e osso, ao mesmo tempo que acharam que a figura da Mulher Maravilha era imprópria para o cargo. A atriz Gal Gadot, escolhida para fazer o papel no cinema, afirmou em entrevista que não entendia a repreensão que as pessoas estavam fazendo por causa da personagem: “dizem que ‘se ela é inteligente e forte, não pode ser sexy também’. Isso não é

justo. Por que ela não pode ser todas essas coisas?” (PLASSE, 2016).

Durante a “posse” da personagem para o cargo de embaixadora, realizado em outubro de 2016 na sede da ONU, em Nova York, houve protestos na entrada do evento. Diversas mulheres com cartazes que afirmavam que “mulheres reais também deveriam ser embaixadoras honorárias” se postaram nas imediações do evento, pedindo nova análise da nomeação por parte da ONU. Contudo, outros personagens fictícios já foram nomeados pela ONU, como o Ursinho Pooh e a Sininho, por exemplo. Além dos protestos, uma petição foi feita pela internet e reuniu mais de 45 mil assinaturas, afirmando que “embora os criadores possam ter pretendido criar uma mulher guerreira e independente, a realidade é que hoje a personagem foi reduzida a uma mulher branca, de seios enormes e proporções impossíveis, espremida num maiô minúsculo.” (PLASSE, 2016). Dois meses depois da nomeação, milhares de assinaturas arrecadadas na internet, a ONU decidiu revogar a participação da heroína.

Criticamente, há certa lógica no pensamento das mulheres que assinaram a petição online. Nomear uma mulher real, que passa por todos os desafios existentes no mundo para o sexo feminino – no ambiente de trabalho, na vida doméstica e até em momentos de lazer – seria uma nomeação justa, embora saibamos que, mesmo assim, a figura real escolhida poderia sofrer repreensões também, ou pela classe social, maneira de se vestir, trajetória de vida ou pela aparência.

A racionalidade por trás da escolha de uma heroína das histórias em quadrinhos perpassa a realidade – e é talvez essa a ideia dos idealizadores da nomeação. Escolher a Mulher Maravilha como representante do feminino existente no mundo é como escolher um símbolo de poder internacional e único. É sabido que a sexualização existente nos quadrinhos, desenvolvida por seus desenhistas, torna a escolha um pouco mais difícil de ser aceita, pois ela é vista por muitos como figura demasiadamente sexual e imprópria, desenhada com proporções físicas exageradas, no intuito de agradar ao público masculino. Todavia, se pensamos assim, agimos de forma injusta com tudo aquilo que a personagem prega ao longo de 75 anos de história. É como analisar um livro e chegar a uma opinião em razão de sua capa.

Parte da trajetória escrita pela heroína prioriza as mulheres como centro de sua história, guerreiras e merecedoras de tudo o que há de bom no mundo; trata sobre respeito e igualdade, usando sempre o diálogo e a compreensão de maneira superior à violência e opressão; desperta o interesse de públicos mais jovens e nerds para a causa, os quais abordam o assunto em grupos, que só se sentiriam sensibilizados pelo assunto ao ver seus personagens favoritos como foco de uma campanha assim.

Encarregar como embaixadora uma personagem de tamanha força e ideais como a

guerreira amazona é esquecer, mesmo que por um segundo, que mulheres sofrem tanto todos os dias nas mãos de uma sociedade patriarcal, extremamente opressora e violenta, mostrando que podemos sim conseguir a igualdade, sendo superiores aos problemas, sonhando sempre em combater nossos inimigos no final da história: sonhar com um futuro melhor. É como ter um símbolo que nos torna mulheres inabaláveis, inatingíveis, maravilhosas.

A declaração de Steinem (1972 apud EVERSON, 2015, grifo do autor), jornalista americana de muito prestígio, em entrevista para a Revista *Wonder Phyllis Chesler's Woman*, pode legitimar e sustentar a nomeação da *Wonder Woman* pela ONU:

Aqui era uma pessoa heroica que poderia conquistar com força. Mas só uma força que foi temperada com amor e justiça. De alguma forma ela conseguiu fazer o impossível: ela é um exemplo brilhante de militantes feministas. Eles entenderam que, juntamente a igualdade de remuneração e de cultura e o direito de possuir crédito em seu próprio nome, as mulheres jovens precisam ser capazes de ver-se em um forte modelo de cultura pop e de formar-se nas versões da vida real (STEINEM, 1972 apud EVERSON, 2015, grifo do autor).

5 CONCLUSÃO

A Mulher Maravilha, tanto em tempos atuais como no ano de seu surgimento, em 1941, sempre apresentou uma influência que perpassa as suas histórias: ela é reconhecida por leitoras e leitores de quadrinhos e também por pessoas que nunca as leram; jovens, adultos, crianças, das mais diversas classes sociais. É, desse modo, a personagem feminina mais importante do universo das HQs.

Com a atual popularidade dos heróis – a chamada Nova Era dos Heróis²⁹ – por conta de filmes recentemente lançados nos cinemas de todo o mundo, um novo foco se forma acerca da Mulher Maravilha e de suas representações; grande parte do público leitor das histórias em quadrinhos (e até mesmo aqueles que nunca leram tal representação narrativa) passa a analisar de maneira mais crítica. É aberto um questionamento sobre a personagem: seria a Mulher Maravilha uma heroína com autonomia para trazer novo olhar para a mulher dentro das histórias em quadrinhos – antes tão monopolizadas por seus leitores e criadores homens –, ou a amazona seria só mais um objeto criado para o imaginário masculino e para gerar uma falsa imagem de representatividade dentro das HQs?

Procurei mostrar que as personagens femininas, dentro dos quadrinhos, são constantemente sexualizadas, vestidas com minúsculos uniformes claramente desconfortáveis, apresentadas em poses eróticas, caras e bocas. As mulheres que habitavam as histórias em quadrinhos eram vistas como o tipo de mulher que os homens desejavam para si; já os homens desenhados dentro das HQs, sempre fortes e enérgicos, mostravam a representação de tudo aquilo que seus leitores gostariam de ser. Pode-se afirmar, com certo cuidado, que a realidade das personagens femininas tem mudado aos poucos, graças à busca pela igualdade de gênero que ocorre. Na última década, o número de leitoras mulheres cresceu de forma significativa, sendo praticamente igual ao número de leitores homens; alguns dos mais importantes heróis da história ganharam sua versão feminina (exemplo disso é o Deus do Trovão, Thor)³⁰ e suas representações quanto a corpo e vestimentas têm se tornado mais reais.

A intenção feminista da Mulher Maravilha pode ser questionável ao longo de seus mais de 75 anos de história. Idealizada a fim de ser uma representação viva do movimento feminista, muito pode ser discutido sobre essa influência. Parte disso pode ser atribuída aos contrastes do

²⁹ Nova Era dos Heróis: como é chamado o novo momento em que a franquia de heróis vive.

³⁰ Como já comentado no capítulo 3, Narrativas e suas possibilidades.

mundo e da caminhada do movimento das últimas décadas. Cada interpretação da Mulher Maravilha depende de seus roteiristas e desenhista, assim, podendo ser de ativa voz feminista e empoderada ou de submissa. Como as histórias em quadrinhos tendem a ser um reflexo da sociedade e dos valores de seu tempo, as histórias se adaptam para caber dentro de seu tempo: na década de 1940, por exemplo, as histórias da personagem eram de caráter mais progressista, influenciadas pelo feminismo de primeira onda, e nos mostram, nos dias atuais, como os valores e visões feministas mudaram e evoluíram desde então. O feminismo, dentro de muita pesquisa, foi trazido de maneira histórica, uma vez que está relacionado à Mulher Maravilha. É importante reafirmar que ela, em nenhum momento, autointitulou-se feminista – embora suas atitudes, a relação com outras mulheres e sua história induzam a entender que todos os seus comportamentos levem a essa interpretação. A perspectiva feminista nos deu os artifícios para entender a personagem de diversas maneiras: a princesa Diana pode ser compreendida como um tipo de mulher única, independente e à frente de seu tempo e, ao mesmo tempo, também pode ser interpretada como uma mulher que só serve para alimentar os desejos masculinos dentro dos quadrinhos. Dentro do feminismo radical, a Mulher Maravilha é interpretada como objeto, portadora de amor e compaixão, como também até um pouco “descontrolada” em certos momentos de sua história – devidamente marcada como estereótipo de mulher, tão conhecida no passado. Todavia, na corrente pós-feminista, a princesa das Amazonas é livre para decidir de que maneira usará seu corpo, roupas e como irá se comportar diante da sociedade.

Cabe ressaltar que a importância da personagem é em razão de ser uma mulher. Dentro dos quadrinhos, existem milhares e milhares de personagens homens e das mais diversas formas e personalidades – Batman é visto por muitos como um anti-herói, assim como o Wolverine; Superman e Capitão América são vistos como os bons moços das histórias –, mas só existe uma princesa amazona que veio lutar pelos ideais do amor e justiça. Ser mulher, no caso da Mulher Maravilha, é visto diversas vezes como ponto de fraqueza, em outras, como uma importante personagem dentro do universo dos quadrinhos.

As histórias em quadrinhos também foram um dos pontos de reflexão neste trabalho. No início desta pesquisa, um dos objetivos principais para a estruturação do trabalho foi a desmistificação de que esse tipo de história é destinado a um público mais jovem, ou até mesmo um público “preguiçoso”, uma vez que a leitura de HQs é vista por muitos como “leitura fácil”, sem desafios. Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que essas teorias as quais depreciam os quadrinhos não se apresentam consistentes, tendo em vista que as HQs, além de se encaixarem dentro das características da literatura, já que têm narrador, personagem, enredo, tempo, espaço, foram defendidas por diversos pesquisadores e pesquisadoras como um meio de leitura

de extrema complexidade, em virtude de que requer a leitura do verbal e não verbal simultaneamente. Como conclusão com relação à literatura referente às HQs, podemos afirmar que é divertida, cheia de emoções e também é munida de elementos completos e complexos, que levam o leitor e a leitora a desenvolver outras habilidades na leitura.

O objetivo geral desta pesquisa, como já comentado, foi analisar e definir se a personagem feminina mais famosa da *DC Comics* é uma influência positiva para o movimento feminista ou se pode ser negativa. Concluí, depois de muita de leitura e análise, que essa resposta inclui visões múltiplas e uma diversidade de pontos de vistas. Do mesmo modo como buscamos diversas visões de feminismos e correntes, a Mulher Maravilha tem sua própria variedade histórica. A cada década me deparei com uma nova Diana, com nova batalha pessoal e filosófica: na década de 1940 vemos uma heroína lutando pelos ideais da primeira onda do feminismo; na década de 1960 uma personagem que optou por abrir mão de seus poderes, tentando se encaixar no mundo dos homens; na década de 1990 uma personagem que lutava por sua identidade, entre outras coisas. Entretanto, dentro de todas as suas representações possíveis, os ideais que começaram no início com a personagem se mantiveram: a fome de justiça, a paixão pelo mundo e por salvá-lo, as características que fazem com que, na minha opinião, a Mulher Maravilha seja uma das personagens de quadrinhos mais humanas de todas já criadas.

As histórias em quadrinhos, como muito mencionado nesta pesquisa, acompanham seu tempo e sua historicidade. Assim como em um livro de história, acompanhamos as evoluções e representações de uma mulher ao longo dos anos: versões dos anos 1940, que hoje podem parecer com um feminismo mais frágil, eram vistas como ousadas e nunca antes exploradas; se na década de 1960 havia uma versão da personagem como uma mulher padronizada e aprisionada por uma visão limitada do que era ser mulher na época, isso significa que os valores da época se resumiam a isso. As HQs refletem os valores sociais e os de seus autores.

De maneira imparcial, não deixei de registrar que a Mulher Maravilha é um ícone negativo ao movimento se pensarmos em toda sexualização que é sofrida até hoje pela personagem por parte de seus desenhistas e roteiristas: pela manipulação masculina que acompanhou décadas de sua história; pela visão exagerada do belo, do corpo perfeito e pelo estereótipo de beleza sempre presente em seus desenhos; por grande parte de sua trajetória não ter participação feminina nos bastidores. No entanto, também, a Mulher Maravilha é um ícone positivo ao movimento feminista ao refletirmos que é uma representação imagética da história das mulheres: a personagem seguiu o mesmo árduo caminho que diversas mulheres passaram ao longo dos anos: um caminho cheio de discriminações e subestimação. Além disso, contribuiu de forma positiva na questão da representação dentro de um ambiente integralmente masculino; trouxe

visibilidade e força para o que é ser mulher, fazendo com que as características antes vistas como de fraqueza feminina fossem ressignificadas.

A conclusão para a pergunta norteadora desta pesquisa é a de que a personagem traz uma notável carga positiva em sua jornada; porém, bem como o movimento feminista, está em constante mudança. Diana sempre suscitou muita inspiração tanto para os heróis que habitam seus quadrinhos quanto para aqueles que a leem. Uma menina que acompanha a Mulher Maravilha – parte de minha história de leituras – pode se identificar com as histórias da heroína por diversos motivos: por ela ser mais forte que diversos personagens masculinos; por ter a beleza de Afrodite; por ter uma voz ativa sobre tudo aquilo em que acredita; e por levar o bem e a justiça ao mundo. A Mulher Maravilha, uma personagem vinda da literatura, pode se tornar um modelo, um ícone e uma inspiração, que poderá orientar os ideais e atitudes que, de algum modo, reproduzirão sempre: “*yes, we can do it!*”

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, José. Com o aumento do número de leitoras de HQs e maior representatividade das personagens femininas, não seria hora de abandonar o padrão peitão? **Judão News**, quadrinhos, 8 mar. 2014. Disponível em: <<http://judao.com.br/precisamos-falar-sobre-peitos/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. Tradução Cristina Baum. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos.
- ANDRADE, Ana Flávia. **Grande Hera!** A representação do feminino na Mulher-Maravilha. 2012.82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Audiovisual) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.
- ANDRADE, M. M. Pesquisa científica: noções introdutórias. In: _____. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Cap. 10, p. 121-127.
- ASSOCIATED PRESS. Sob protesto, Mulher-Maravilha é nomeada 'embaixadora honorária' da ONU. **Estadão**, 21 out. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,sob-protesto-mulher-maravilha-e-nomeada-embaixadora-honoraria-da-onu,10000083626>>. Acesso em: 28 maio 2017.
- BAKKER, Thais; RIBEIRO, Stephanie. We can do it: as mulheres na força de trabalho. **Capitolina**, edição #8, 6 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/we-can-do-it-mulheres-na-forca-de-trabalho/>>. Acesso em: 17 maio 2017.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução Maria de S. Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRANDÃO, Fábio. **Quando a Mulher Maravilha perdeu seus poderes**. Universo Mulher Maravilha, 11 maio 2016. Disponível em: <<https://universomulhermaravilhadotcom.wordpress.com/2016/05/11/quando-a-mulher-maravilha-perdeu-seus-poderes/>>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa – 5ª a 8ª Séries. Brasília, DF: MEC, 1998.
- BRIDI, Natália. **Mulher Maravilha**: Gal Gadot rebate críticas sobre a sua aparência. Omelete: filmes, 22 mar. 2015. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/mulher-maravilha-gal-gadot-rebate-criticas-sobre-a-sua-aparencia/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.
- BUCCELLATO, Brian. **Injustice**: Gods Among Us. Nova York: DC Comics, ano 4, n. 8, 2015a. Gibi.

BUCCELLATO, Brian. **Injustice: Gods Among Us**. Nova York: DC Comics, ano 4, n. 9, 2015b. Gibi.

BUTLER, Judith P. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CAIXETA, Sharmaine Pereira. Anos dourados: a Mulher-Maravilha e o papel da mulher norte-americana durante a 2ª Guerra Mundial. **Revista Temática**, Paraíba: UFPB, v. 8, n. 4, p. 1-12, abr. 2012.

CÂMARA, Rafaella. **Vai verão, vem primavera das mulheres**. Medium Corporation, 30 mar. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@rafaellacmara/vai-ver%C3%A3o-vem-primavera-das-mulheres-78ac485cf333#.dpz8qbf15>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papyrus, 2006.

CIRNE, Moacyr. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CONTAIFER, Juliana. Mulheres se destacam como leitoras, autores e desenhistas de quadrinhos. **Correio Braziliense**, Capa, 28 ago. 2016. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2016/08/28/interna_revista_correio,546063/mulheres-se-destacam-como-leitoras-autoras-e-desenhistas-de-quadrinho.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2017.

CORRÊA, Bruna. **A hipersexualização das super-heroínas: da Marvel/DC Comics às Meninas Super Poderosas**. Inclusive [blogspot], 19 mar. 2015. Disponível em: <<http://inclusive-feminists.blogspot.com.br/2015/03/a-hiper-sexualizacao-das-super-heroinas.html>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

COSTA, Cláudia de Lima. Situando o sujeito do feminismo: o lugar da teoria, as margens e a teoria do lugar. **Travessia: revista de literatura**, Florianópolis: Ufsc, n. 29/30, ago.1994/jul.1995. p. 123-160.

CUNHA, Rodrigo. HQS: quadrinhos entraram na escola. **Ciênc. e Cul.**, São Paulo, v. 61, n. 4, 2009. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000400022&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 jan. 2017.

D'ANGELO, Helô. Mulher-Maravilha: uma biografia não autorizada. **Superinteressante**, seção Cultura, 29 jul. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/mulher-maravilha-uma-biografia-nao-autorizada/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

DE LIZ, Renae. **Mulher Maravilha: especial de 75 anos**. Nova York: DC Comics, Edição Especial, 2016. Gibi.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987. 118 p.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 125 p.

DUARTE, Rafael Soares. **Watchmen: vazios, tragédia e poesia visual moderna**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

EIDELL, Lynsey. **See Gal Gadot and Chris Pine in This First Trailer for Wonder Woman**. Glamour, 20 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.glamour.com/story/wonder-woman-trailer>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

ENTENDENDO um pouco mais: feminismo. Permanecendo [blogspot], 30 jan. 2012. Disponível em: <<http://permanecendo.blogspot.com.br/2012/01/entendendo-um-pouco-mais-feminismo.html>>. Acesso em: 17 maio 2017.

EVERSON, Halan. **Mulher-Maravilha: símbolo feminino do século XX? Parte 2**. Vortex Cultural, 31 jul. 2015a. Disponível em: <<http://www.vortexcultural.com.br/quadrinhos-e-hqs/mulher-maravilha-simbolo-feminino-do-sec-xx-parte-2/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

EVERSON, Halan. **Mulher-Maravilha: símbolo feminino do século XX? Parte 3**. Vortex Cultural, 10 set. 2015b. Disponível em: <<http://www.vortexcultural.com.br/quadrinhos-e-hqs/mulher-maravilha-simbolo-feminino-sec-xx-parte-3/>>. Acesso em: 19 maio 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GALVÃO, Camila. **A polêmica e as mulheres que inspiram a criação da Mulher Maravilha**. Megacurioso.com, 21 out. 2015. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/quadrinhos/85492-a-polemica-e-as-mulheres-que-inspiraram-a-criacao-da-mulher-maravilha.htm>>. Acesso em: 19 maio 2017.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIDA; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos quadrinhos**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

GOUVEIA, Arturo. **Teoria da Literatura: fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

GRAVENA, Leo. **10 argumentos ruins utilizados para defender o sexismo nas HQs**. Legião dos heróis, 28 jan. 2015. Disponível em: <<http://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-argumentos-ruins-utilizados-para-defender-o-sexismo-nas-hqs.html/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

G1.GLOBO.COM. **Marvel anuncia que próximo Capitão América vai ser negro**. 17 set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/07/marvel-anuncia-que-proximo-capitao-america-vai-ser-negro.html>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO

GÊNERO, 9., 23 a 26 ago. 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Ufsc, 2010.

HENDRIX, Grady. Out for justice. **The New York Sun**, 11 dec. 2007. Disponível em: <<http://www.nysun.com/arts/out-for-justice/67866/>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

HISTORY CHANEL. **A participação das mulheres na II Guerra Mundial**. Seção Hoje na história. 2017. Disponível em: <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/participacao-das-mulheres-na-ii-guerra-mundial>>. Acesso em: 16 maio 2017.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Desafios).

IDENTIDADE da versão feminina de Thor divide opiniões na internet. **Correio Braziliense**, 12 maio 2015. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/05/12/interna_diversao_arte,482896/identidade-da-versao-feminina-de-thor-divide-opinioes-na-internet.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2017.

JIMENEZ, Phil. **Wonder Woman: U-Boats & Dinosaurs**. Nova York: DC Comics, v. 2, n. 184, 2002. Gibi.

KANIGHER, Robert. **Mulher Maravilha: Rapaz-Pássaro VS Rapaz-Tritão**. Nova York: DC Comics, v. 1, n. 144, 1964. Gibi.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher Maravilha**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

LIMA, Iana Alves de. **O que é objetificação da mulher?** Poletize, 11 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>>. Acesso em: 1 de fev. 2017.

LUKE, Eric. **Wonder Woman: revolution**. Nova York: DC Comics, v.2, n. 147, 1999. Gibi.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivia-neta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 17 maio 2016.

MARINO, Dani. **Mulher Maravilha é ícone feminista sim! Entenda**. Minas Nerds, 8 nov. de 2016. Disponível em: <<http://minasnerds.com.br/2016/11/08/mulher-maravilha-e-icone-feminista-sim-entenda/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

MARSTON, William Mouton. **Mulher Maravilha: a origem da Mulher Maravilha**. Nova York: DC Comics, v.1, n.1, 1942a. Gibi.

MARSTON, William Mouton. **Mulher Maravilha: o deus da guerra**. Nova York: DC Comics, v. 1, n.2, 1942b. Gibi.

MARSTON, William Mouton. **Mulher Maravilha para presidente**. Nova York: DC Comics, v.1, n.7, 1943. Gibi.

McCLOUD, Scott. Scott McCloud: Girls Are Taking the Comic Book World By Storm. **Time.com**, Books, 1 may 2015. Disponível em: <<http://time.com/3841761/scott-mccloud-free-comic-book-day/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

MELLO, Ana Claudia R. Costa D. **As mulheres na guerra: pelo esforço de guerra ou como combatentes. Sim, elas estiveram lá!** Pré. Univesp. Universo, São Paulo, n. 61, dez. 2016/jan. 2017. Disponível em: <http://pre.univesp.br/as-mulheres-na-guerra#.WRw_Pmjy-vIU>. Acesso em: 16 maio 2017.

MESSNER-LOEBS, William. **Mulher Maravilha: deusas em Luta**. Nova York: DC Comics, v. 2, n. 91, 1995a, Gibi.

MESSNER-LOEBS, William. **Mulher Maravilha: o desafio de Artémis**. Nova York: DC Comics, v. 2, n. 97, 1995b. Gibi.

MESSNER-LOEBS, William. **Wonder Woman: Joker's Holiday**. Nova York: DC Comics, v.2, n. 96, 1995c. Gibi.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MULHER-MARAVILHA: a verdadeira (e secreta) história da super heroína. Cúlt & Pópi [blogspot], 25 nov. 2014. Disponível em: <<https://culti-e-popi.blogspot.com.br/2014/11/mulher-maravilha-verdadeira-e-secreta.html>>. Acesso em: 18 maio 2017.

NASCIMENTO JR, Francisco de Assis; PIASSI, Luis Paulo. Crise de identidade: a representação de gênero nos quadrinhos de super-heróis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES (Coninter 3), 3.,2014, Salvador. **Anais**. Salvador: UCSal, n. 3, v. 7, p. 681-698, 8 a 10 out. 2014.

NOGUEIRA, Natania. A participação feminina na Segunda Guerra Mundial. História Hoje.com., 9 jan. 2015. Disponível em: <<http://historiahoje.com/a-participacao-feminina-na-segunda-guerra-mundial/>> Acesso em: 17 maio 2017.

9 COISAS que todos entendem errado sobre a Mulher-Maravilha. Einerd.com., seção Quadrinhos, 2017. Disponível em: <<https://www.einerd.com.br/quadrinhos/9-coisas-que-todos-entendem-errado-sobre-mulher-maravilha/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

NYE, Andréa. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1995.

8 DISCURSOS feministas da Mulher Maravilha nos quadrinhos. Delirium Nerd, 6 jun. 2017. Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/2017/06/06/quadrinhos-mulher-maravilha/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. Histórias em quadrinhos e suas múltiplas linguagens. **Revista Crioula** [eletrônica], São Paulo: USP, n. 2, p. 1-12, nov. 2007. Acesso em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/viewFile/52719/56574>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

OLIVEIRA, Murilo. **ONU designa Mulher Maravilha como embaixadora do empoderamento feminino**. O Vício, 21 out. 2016. Disponível em: <<http://ovicio.com.br/onu-designa>>

mulher-maravilha-como-embaixadora-do-empoderamento-feminino/>. Acesso em: 18 maio 2017.

O'NEIL, Dennis. **Mulher Maravilha**: a nova Mulher Maravilha está aqui! Nova York: DC Comics, v. 1, n. 178, 1968a. Gibi.

O'NEIL, Dennis. **Mulher Maravilha**: a última batalha. Nova York: DC Comics, v.1, n. 179, 1968b. Gibi.

PÉREZ, George. **Wonder Woman**: Common Ground. Nova York: DC Comics, v. 2, n. 47, 1999. Gibi.

PÉREZ, George. **Woman Woman**: the princess and the power. Nova York: DC Comics, v. 2, n. 1, 1987. Gibi.

PÉREZ, George; NEWELL, Mindy. **Mulher Maravilha**: os laços que se ligam. Nova York: DC Comics, v. 2, n.41, 1990. Gibi.

PETROF, Daiana. **HQ's sexualizam e TRANSFIGURAM mulheres em objetos**. CM.com, 26 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.dm.com.br/cultura/2015/06/hqs-sexualizam-e-transfiguram-mulheres-em-objetos.html>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo: história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PLASSE, Marcelo. **Gal Gadot reclama dos protestos contra Mulher Maravilha como embaixadora da ONU**. Pipoca Moderna, 23 dez. 2016. Disponível em: <<http://pipocomoderna.com.br/2016/12/gal-gadot-reclama-dos-protestos-contra-mulher-maravilha-como-embaixadora-da-onu/>>. Acesso em: 27 maio 2017.

PRIMEIRA edição de HQ do Superman é vendida por R\$ 7,3 milhões. **Jornal de Brasília**, 28 de ago. 2014. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasil.com.br/viva/primeira-edicao-de-hq-do-superman-e-vendida-por-r-73-milhoes/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Leitura e formação de leitores**: vivências teórico-práticas. Londrina: Eduel, 2009.

REZENDE, Lucinea Aparecida de; SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. Leitura e educação: representações da inclusão social na obra de Maurício de Sousa. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: palavra e imagem, n. 44, p. 255-276, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/44/dossie14.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

RIBEIRO, Ana Amélia. Uma crítica feminista do filme "Mulher Maravilha". **Jornal Opção**, Edição 2187, 11 jun. 2017. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/uma-critica-feminista-do-filme-mulher-maravilha-97119/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

ROON, Robert. Mulher Maravilha: de volta a realidade. Nova York: DC Comics, n. 4, 1942. Gibi.

RUCKA, Greg. **Renascimento**: Mulher Maravilha. Nova York: DC Comics, n. 2, 2016. Gibi.

RUSSEL, Scarlett. Mulher Maravilha e o poder das heroínas. **Carta Capital**, seção Cultura, 10 abr. 2016. Publicado originalmente em The Observer. Disponível em: <<https://www.carta-capital.com.br/revista/895/mulher-maravilha-e-o-poder-das-heroinas>>. Acesso em: 27 maio 2017.

SAIBA quem é Gal Gadot, a nova Mulher Maravilha. **O Globo**, Seção Cultura: Filmes, 2017. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/saiba-quem-gal-gadot-nova-mulher-maravilha-18967505>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? ENCONTRO DA REDOR, 10., 2001, Salvador: NEIM/UFBA, 29 out. a 1 nov. 2001. **Trabalhos apresentados...** Texto apresentado na Mesa “Crítica Epistemológica feminista”. p. 1-35.

SCHENKER, Brett. **Market Research Says 46.67% of Comic Fans are Female**. The Beat Comics Culture, 2 maio 2014. Disponível em: <<http://www.comicsbeat.com/market-research-says-46-female-comic-fans/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

SEKOWSKY, Mike. **Mulher Maravilha**: retorno para a Ilha Paraíso. Nova York: DC Comics, v. 1, n. 198, 1972. Gibi.

SEMÍRAMIS, Cynthia. Feminismos, neofeminismo, e a luta pelo direito das mulheres. **Revista Fórum**, 8 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2012/11/08/feminismos-neofeminismo-e-a-luta-pelos-direitos-das-mulheres/>>. Acesso em: 17 maio 2017.

SILVA, Conceição Almeida da. A leitura de histórias em quadrinhos na educação de jovens e adultos. **Revista Práticas de Linguagens**, Rio de Janeiro: UFF, v.1, n.1, p. 23-33, jan./jun. 2011

SILVA, Rafael Laytynher. A Contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.1-12, set. 2011. Disponível em: <[file:///D:/Documents/TCC/LIDOS/HQ e leitura critica.pdf](file:///D:/Documents/TCC/LIDOS/HQ%20e%20leitura%20critica.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2017.

SIMONE, Gail. **Mulher Maravilha**: o auge da insanidade. Nova York: DC Comics, v. 3, n. 21, 2008. Gibi.

SOARES, Caio. **ONU decide tirar Mulher-Maravilha de cargo de embaixadora da organização**. Omelete. 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/mulher-maravilha-nao-e-mais-embaxadora-da-onu/>>. Acesso em: 28 maio 2017.

SOARES, Jéssica. 7 dicas para não sexualizar uma heroína HQs. **Superinteressante**, Cultura, 4 ago. 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/7-dicas-para-nao-sexualizar-uma-heroína-em-hqs/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

SOUZA, Lizandra. **“We can do it”**: você conhece a origem de um dos grandes símbolos do movimento feminista? Diários de uma feminista, [blogspot], 22 nov. 2015. Disponível em:

<http://diariosdeumafeminista.blogspot.com.br/2015/11/we-can-do-it-voce-conhece-origem-de-um_22.html>. Acesso em: 17 maio 2017.

TAVARES, Artur. **Mulheres serão maioria na indústria das histórias em quadrinhos em uma década, diz Times**. Luminota, 1 maio 2015. Disponível em: <<http://www.luminota.com/pt-br/Mulheres-ser%C3%A3o-maioria-na-ind%C3%B3stria-das-hist%C3%B3rias-em-quadrinhos-em-uma-d%C3%A9cada-diz-Time/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

TAVARES, Mayara Barbosa. O uso das histórias em quadrinhos no contexto escolar: contribuições para o ensino/aprendizado crítico-reflexivo. In: ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (EDIPE), 4., 2011, Anápolis. **Anais...** Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2011. Disponível em: <[http:// http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/ivedipe/pdfs/lingua_portuguesa/co/23-52-1-SM.pdf](http://http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/ivedipe/pdfs/lingua_portuguesa/co/23-52-1-SM.pdf)>. Acesso em: 3 fev. 2017.

THAY. **Mulher-Maravilha: os 75 anos do ícone**. Valkírias, 7 jul. 2016. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/mulher-maravilha-os-75-anos-do-icone/%3E>>. Acesso em: 19 maio 2017.

TUMBLR.COM. **The Hawkeye Initiative**, 2015. Disponível em: <<https://www.tumblr.com/search/the+hawkeye+initiative>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. **Feminismo: história**. 2016. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/historia/>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Aspectos educativos das histórias de super-heróis e sua importância na formação da consciência moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes**. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2011.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; KRONBAUER, Luiz Gilberto. **As HQ's e a formação da consciência moral das crianças**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO (CINFE), 10., 2010, Caxias do Sul. **Artigo**. Caxias do Sul, 2010. p. 1-16. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As_HQs_e_a_formacao_da_consciencia_moral_das_crianças.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2017.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **We can do it**. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!>. Acesso em: 16 maio 2017.

WRIGHT, Bradford W. **Comic Book Nation: The transformation of youth culture in America**. Baltimore, Maryland, USA: The Johns Hopkins University Press, 2001.